



Este texto está disponível no site *Shri Yoga Devi*, <http://www.yogadevi.org/>

Kaivalya Navanita

(O Creme da Libertação)

Por Tandavaraya Swami

Kaivalya Navanita (“O Creme da Libertação”) é um livro indiano escrito no século XVIII, em Tamil, atribuído a Tandavaraya Swami. O título da obra descreve seu objetivo: apresentar o “creme” (essência) da libertação espiritual (*Kaivalya*). A obra, apresentada sob a forma de um diálogo entre mestre e discípulo, é dividida em duas partes: (1) a explicação da realidade; (2) remoção das dúvidas.

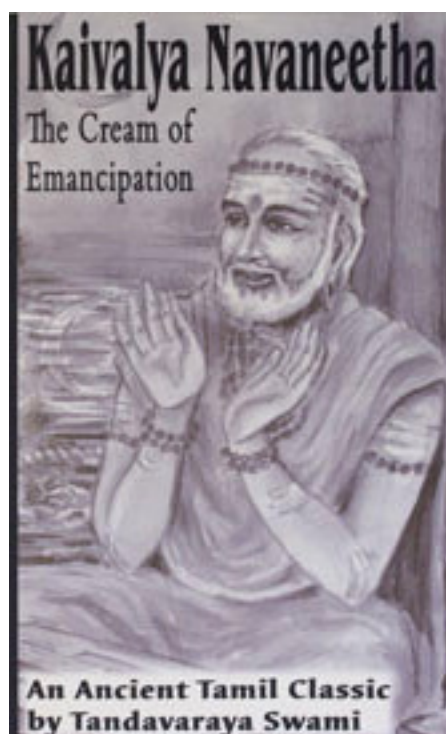
A obra contém os ensinamentos *Vedanta* sobre o Eu supremo (*Brahman*, ou *Param-atman*) e sua relação com o Eu individual (*jivatman*). A essência divina e a essência individual são uma só coisa. Quem vivencia sua própria natureza desse modo se torna um liberto em vida (*jivanmukta*). Sua vida se torna plena. Esta é a substância do livro.



“Veja, meu filho: aquele que esqueceu sua verdadeira natureza nasce e morre repetidamente, girando sem cessar na roda do tempo, como uma pena capturada em um redemoinho, até que ele percebe a verdadeira natureza do Eu. Se ele chega a ver o Eu individual e seu substrato, o Senhor, então ele se torna Brahman, o substrato, e escapa dos renascimentos. Se você se conhecer, nenhum mal poderá atingi-lo. Atendendo ao seu pedido, eu lhe contei isso.” (*Kaivalya Navanita*, parte 1, versos 19-20)

Essa obra era admirada e citada frequentemente por Ramana Maharshi, que recomendava sua leitura para a compreensão do caminho espiritual não-dualista do *Advaita Vedanta*.

A presente tradução para o português, de José Luiz Corrêa Cardozo, está disponível na Internet, no seguinte endereço: <http://almadeouro.net/downloads-ramana/kaivalya.doc>. A versão para o português se baseou na tradução para o inglês de Swami Ramanananda Saraswathi, publicada em 1965.



KAIVALYA NAVANITA

ANTIGA OBRA CLÁSSICA TAMIL
POR
TANDAVARAYA SWAMI
TRADUZIDO PARA O INGLÊS POR
SWAMI RAMANANANDA SARASWATHI

Compilador de “Talks with Sri Ramana Maharshi”

Sri Ramanasraman
Tiruvanamalai
S. India

Nota da editora

É com prazer que oferecemos aos devotos de Sri Bhagavan e aos estudantes do Vedanta em geral esta pequena obra clássica, a qual era mencionada frequentemente por Maharshi.

Na ausência de qualquer menção sobre a literatura anterior do Vedanta na obra tamil afirmamos que “Kaivalya Navanita” foi escrita provavelmente há quinhentos anos atrás.

Foi traduzida para o alemão e inglês pelo Dr. Charles Graul D D da Missão Luterana de Leipzig das quais temos um exemplar na biblioteca de Ramanasraman, publicada em 1855.

Estamos certos de que esta grande obra deste pequeno livro será de imenso auxílio a todos os sadhakas.

O EDITOR

INTRODUÇÃO

“KAIVALYA NAVANITA” é amplamente conhecida como obra clássica Advaita em tamil. “NAVANITA” significa manteiga. “KAIVALYA” ou “Kevala” é o estado de existência da alma isolada de toda a relação com o corpo etc. Do imenso oceano de leite (os Upanishadas etc.) os grandes Mestres tiraram o leite da Sabedoria que colocaram em potes (textos antigos).

Tandavaraya Swami, autor de “Kaivalya Navanita” diz que extraiu a manteiga do leite. Aqueles que o obtiverem (que são alimentados com a manteiga da Sabedoria divina – Brahma Jñana – e estão eternamente satisfeitos) não errarão alimentando-se de poeira (objetos irrealis dos sentidos).

Os versículos 175 e 179 referem-se a Narayana Desihar de Nannilam, mestre do autor desta obra. O autor enaltece a nobreza de seus pais que tiveram a visão profética de dar-lhe um nome apropriado. Tandava é interpretado nesta obra como o que foi chamado para atravessar o mar de nascimento bem como aquele que dança eternamente em delícias que é o resultado da sabedoria divina.

As duas partes desta obra são denominadas “A Exposição da Verdade” e “Dúvidas Superadas”. Elas explicam os princípios básicos filosóficos e desfazem dúvidas que provavelmente surgirão para compreender esses princípios.

Em linguagem simples, o autor expõe claramente a doutrina advaita. A tradução inglesa desta obra torná-la-á conhecida por maior número de leitores e assim estendendo a sua utilidade.

Universidade de Madras
19 de julho de 1965

V. A. DEVAENAPATHY
Prof. de Filosofia

KAIVALYA NAVANITA

A libertação absoluta

1- Saudação aos Pés Sagrados do Senhor Único que como o éter permanece como a testemunha solitária no coração de todos os seres, sejam eles influenciados pelo desejo de riquezas, terras e mulheres ou sejam livres de tais desejos, e que brilha acima do pico dominante das sete elevações espirituais sucessivas¹ exaltadas sobre todos os outros planos (da mente), ou em Nannilam, o mais sagrado dos sete lugares santos.

2- Eu me prostro diante da Consciência Pura, sempre brilhante que se manifesta como Brahma, Vishnu ou o poderoso Shiva que cria, preserva e remove (o universo) e também os inúmeros seres individuais e ainda assim permanece sempre livre e perfeito como o Sol Resplandecente acima do oceano da Bem-aventurança.

3- Eu adoro sempre os pés de lótus de meu Mestre por cuja Graça aprendi que meu próprio ser é a realidade que tudo abrange (Brahman) e que o mosaico do Universo é apenas um fenômeno em Mim e que permaneceu como o Ser, tal como o éter numa parede.

4- Eu adoro o Todo Poderoso que se manifestou como meu Mestre a fim de que a mente, o intelecto, os sentidos e o corpo, pudessem ser reduzidos a nada para o meu próprio conhecimento, como a neblina diante do sol. Ele me ensinou: “Você e Eu somos um” para torna-me um com Ele.

5- Eu me prosterno aos pés do meu Santo Mestre que resplandece eternamente como ampla Imensidade, que não tem começo nem fim ou intervalo e eu prossigo contando a você a verdadeira natureza do Ser Absoluto para dar a conhecer a origem da escravidão e a libertação de forma que, até aqueles que têm dificuldades de aprender as escrituras, possam entender.

6- Todos os Sábios antigos inspiraram-se no ilimitado Oceano de leite, isto é, o Vedanta, e encheram seus cântaros, suas obras², eu os fervei todos (no fogo das palavras do Mestre) eu os bati (com a insistência da investigação no Ser) e apresento este creme da Emancipação – Kaivalya Navanita – a todos.

E agora, aqueles que participaram disto e satisfizeram sua fome ficarão perambulando e comendo as sobras?³

¹ Vide versículo 149 – 2ª parte e apêndice I.

² Os sutras, os itihásas, os Kavyas e os bashyas.

³ Isto é, buscam satisfazer os desejos da vida mundana.

PRIMEIRA PARTE

EXPOSIÇÃO DA VERDADE

8- Os Sábios dizem que há quatro pré-requisitos para a realização da Verdade.⁴

- 1) Viveka: o discernimento entre o temporário (portanto os fenômenos irrealis) e o permanente (portanto a Realidade, isto é, o substancial);
- 2) Indiferença ao gozo de prazeres aqui agora e para o futuro;
- 3) O grupo das seis qualidades e;
- 4) Anseio pela Libertação.

9 e 10- As seis qualidades são: sama, dama, uparati, titiksha, samadhana, sraddha.

Sama é o controle da mente;

Dama é o controle dos sentidos;

Uparati é a cessação de atividades (relativas à casta, credo, família etc.);

Titiksha é o controle das paixões inclusive tolerância;

Samadhana de acordo com os sábios é a tranqüilidade da mente para refletir sobre a Verdade revelada (pelas escrituras e os sábios);

Sraddha significa a fé no Mestre e nas escrituras;

Tal é o significado dos seis termos desta categoria.

11- Ninguém pode alcançar algo no mundo sem estar devidamente preparado para a tarefa. Do mesmo modo somente aqueles que estão equipados com essas quatro categorias de pré-requisitos podem obter a iluminação. Um noviço não pode obtê-la tão rapidamente. Se isso acontecer, conclui-se que a pessoa tenha sido purificada em inúmeras e sucessivas encarnações passadas.

12- Somente está preparado para o Conhecimento, aquele que tenha sofrido as três espécies de preocupações que surgem do ser, dos elementos e da Providência (de fome, sede etc.; de calor, frio, tempestades, doenças etc.; assaltos de ladrões, de animais selvagens etc.) que se tenha torcido como o verme queimado pelo calor e tenha almejado um mergulho no néctar da sabedoria a fim de terminar a série de renascimentos.

13- À medida que o desejo de Libertação crescia, ele ia se tornando desinteressado de sua esposa, de seus filhos e da propriedade escapando delas como o antílope que se desembaraça do caçador, e buscando um Mestre respeitou-o de todo o seu coração.

14- Após saudar seu Mestre com devoção, levantou-se e soluçando diz: “Ó Senhor! Sofri tanto a tortura da vida terrena que afinal de contas é tão falsa! Misericordioso Mestre, salve-me cortando as cordas que me prendem aos cinco envoltórios, para que o meu coração possa ter paz!”

15- O Mestre carinhosamente considerou-o como a tartaruga aos seus ovos; fitou-o como o peixe a seus ovos; e passou as mãos sobre ele como a pássaro põe as asas sobre seus ovos e disse: “Há um meio de por fim aos seus renascimentos. Eu lhe direi se você agir de acordo, seus renascimentos cessarão”.⁵

16- Ao som das palavras “Seus renascimentos cessarão” seu corpo estremeceu, seu coração regozijou-se como que refrescado após um banho no enorme tanque, lágrimas de alegria rolaram de seus olhos e com amor segurou os pés do Mestre e continuou implorando:

⁴ Sadhana

⁵ Isto simboliza os três tipos de iniciação, pelo pensamento, pelo olhar e pelo toque.

17- Mesmo que este vosso servo não tenha capacidade de seguir vossas instruções, podeis corrigir-me pela vossa graça. Disseste há pouco: “Há um meio de por fim aos seus renascimentos”! Por misericórdia dizei-me e salvai-me.

18- Vendo-me tão submisso, o Mestre fita a alma do discípulo e começa a instruí-lo, para que ele possa recuperar a sua verdadeira natureza, como a vespa coloca uma lagarta escolhida no casulo de barro e depois passa a zumbir diante dela.

19 e 20- “Escuta meu filho! Aquele que esqueceu a sua verdadeira natureza, alternadamente nasce e morre, volvendo na incessante roda do tempo, como uma pena apanhada pelo redemoinho de vento, até que ela compreenda a verdadeira natureza do Ser. Se ele chega a ver o ser individual e sua essência o Super Eu, então ele se torna essa essência, isto é, Brahma, e escapa dos renascimentos. Se você conhecer a si mesmo, nenhum mal lhe acontecerá. Assim falei conforme você pediu.

Nota: O ensinamento está completo neste ponto e sem dúvida neste versículo.

21- Discípulo: “Senhor, tomais-me por um tolo ao dizer-me isso? Pode haver alguém no mundo que ignore o Ser? Como então são todos apanhados no ciclo de nascimento e morte? Dizei-me a Verdade infalível, pois eu vos suplico com fé inabalável”.

22- Mestre: Somente é auto realizado aquele que conhece o que é corpo e quem está encarnado.

Discípulo: “Quem mais pode ser encarnado a não ser esta coisa grosseira?” Então o Mestre sorriu e compadecido falou:

23- “Você diz que não pode achar diferença entre o ser encarnado e o corpo grosseiro. Então diga-me quem apareceu como sujeito no seu sonho; ou quem experimentou o sono no qual até mesmo a dor do sonho estava ausente; ou ainda o que é a consciência no estado de vigília!”

24- Discípulo: As experiências diárias provam que o experimentador no estado de vigília ou de sonho quando a consciência da vigília desaparece ou do sono, deve ser diferente (do corpo grosseiro). Contudo isso ainda não foi realizado. Apenas apresenta-se por momentos na mente para logo desaparecer. Por favor explicai-me isso”.

25- Tal como as pessoas apontando para uma árvore, na terra marcam o terceiro dia da lua crescente e apontando para outras estrelas localizam Arundhati, assim também o sábio começou apontando para o grosseiro a fim de fazer conhecida a causa sutil.

26- Mestre: O Vedanta em geral, considera causa de cativo e soltura a superimposição⁶ e sua anulação respectivamente. O cativo é causado pela superimposição; a soltura pela sua anulação.

Agora escute sobre o primeiro.

27- Superimposição é ver uma coisa como outra, por exemplo, uma cobra em lugar de uma corda, um homem no lugar de um poste, água na miragem ou uma abóbada azul no céu vazio.

⁶ Aropa – conhecimento errado, atribuição falsa.

28- Do mesmo modo, os cinco elementos e suas combinações vistos em Brahma que não tem forma nem nome, único, sem segundo, auto consciente e perfeito, são produtos da ilusão.

29- Se você perguntar a superimposição dá lugar a criação (a resposta é):

Os jivas sem começo⁷ permanece imanifestado em Avyakta como no sono profundo. Esse estado (é perturbado) pelo pensamento gerador de Ishwara também chamado Tempo. Então Avyakta cessa de ser causal (isto é, latente) e as três gunas se manifestam.

30- São eles sattva, rajas, e tamas e são branco puro, vermelho e preto respectivamente ou ainda claro, turvo e escuro. Embora sejam iguais, uma destas sempre predominará.

31- Essa é uma explicação. A outra é a que se segue: – O estado causal permanece imanifestado, posteriormente se expande como mahats tatva (a totalidade dos jivas) que se manifestam como o ego em que as três gunas aparecem.

32- Chit semelhante ao éter se reflete nelas. Das três, sattva é clara e é chamada Maya. O reflexo de Brahma nesta guna é Ishwara, a causa inteligente do universo, imanente em tudo não tem sinais de maya ou de qualquer das gunas.

33- Esta maya é o estado de sono profundo, o corpo causal e o envoltório de bem-aventurança de Ishwara. Rajoguna é avydya (ausência de conhecimento real). Chit refletido nessa guna (que não é clara em virtude de sua constante agitação) dá origem a inumeráveis seres. O jiva neste estado é conhecido como prajña.

34- Esse é o envoltório de bem-aventurança e estado de sono profundo e o corpo causal dos jivas. Até aqui foi descrito a fase causal de superimposição. Escute agora a explicação da fase sutil.

35- Para fornecer os meios de experiência aos jivas pela Graça de Ishwara que tem todos os maravilhosos poderes de sua inseparável Maya, a tamoguna divide-se em dois aspectos, isto é, 1) o véu denso da Realidade⁸ e 2) a multiplicidade de fenômenos.⁹

36- Neste último aparece o éter; do éter o ar; do ar, o fogo; do fogo, a água; da água, a terra. Esses cinco, no estado inicial são chamados elementos. Deles surgem os corpos adaptáveis para as experiências.

37- As três gunas penetram esses cinco elementos. Em sattva que é pura, surgem os jñanendrias¹⁰ da função individual e também a mente e o intelecto, da função coletiva. Esses sete produtos de sattva formam os instrumentos de conhecimento.

38- Em rajoguna se originam os ares vitais¹¹ da função coletiva e os karmendrias¹² de função individual. Esses dezessete¹³ princípios fundamentais formam os corpos sutis dos deuses, demônios, seres humanos e todos os outros organismos vivos.

⁷ Cujo começo não pode ser conhecido.

⁸ Avarana

⁹ Vikshepa

¹⁰ Os sentidos: ouvir, ver, tocar, cheirar e degustar.

¹¹ Prana, apana, vyana, udana e samana.

¹² Mãos, pés, órgãos vocais, de excreção e reprodução.

¹³ Os dez princípios mencionados aqui e os sete citados nos versículos anteriores.

39- O jiva unificado com tal corpo é chamado tajasa; nas mesmas condições Ishwara é conhecido como Hiranvagarba. Em ambos os casos é chamado o linga sharira ou o corpo sutil que compreende os três envoltórios (o vital, o mental e o intelectual). Isto nos estados de sonho.

40- Isso quanto ao corpo sutil. Agora ouça a descrição do processo de superimposição do corpo grosseiro.

Ishwara, que está sempre vigilante, ajustou os cinco elementos a fim de desenvolver os corpos grosseiros para os jivas e os objetos de experiências.

41- Cada um dos cinco elementos foi dividido em duas partes, cada parte em quatro. Então a maior metade de um elemento foi combinado com um quarto da subdivisão dos outros quatro. Esse processo dá origem aos elementos grosseiros dos quais as quatro classes de seres¹⁴ e suas experiências, o universo e seus mundos, foram criados.

42- O jiva unificado com o corpo grosseiro é chamado viswa; e Ishwara sob as mesmas condições é conhecido como virat. O corpo grosseiro é o envoltório físico¹⁵, e seus estados de vigília. Lembre-se desta breve declaração com relação ao corpo grosseiro.

43- Discípulo: “Mestre! Se esses estados¹⁶ são comuns a ambos, como podemos saber a diferença entre o sublime Ishwara e o jiva comum?”

Mestre: “O jiva é o efeito e Ishwara é a causa. Há também uma diferença entre as unidades e sua totalidade”.

44- As árvores formam as unidades; o seu conjunto é a floresta. Falando de modo geral os jivas móveis e imóveis são as unidades separadas; sua soma total total é Ishwara. Essa é a diferença entre Ishwara e jivas.

45- assim expliquei o que é superimposição. Somente é jñani aquele que sabe fora de qualquer dúvida, que tudo é visto é tão efêmero quanto um sonho. Agora ouça sobre o processo de anulação da superimposição, o caminho para o maravilhoso moksha¹⁷ que se assemelha ao céu tranquilo quando as nuvens são afastadas pelo vento do inverno.

46- (Exatamente como ao examinarmos e verificarmos que) isto não é uma cobra apenas uma corda, e isto não é um ladrão e sim um poste, assim também, realizamos fora de qualquer dúvida pela palavra do Mestre e à luz das escrituras, que o corpo, o mundo e os elementos são unicamente Brahman, isto é a Consciência imutável. Saiba que isso é anular a superimposição.

47- Causa e efeito são o mesmo, como tecido e o fio, os ornamentos e o ouro, os utensílios e o barro. Analisar o corpo em sua causa antecedente e assim por diante, até que avidya é descoberta como sendo a causa-raiz de tudo, esse é o método de anular a superimposição.

48- Discípulo: “Disseste que a tamoguna funciona em dois aspectos, ou seja, sob o véu e a multiplicidade, dos quais explicastes o último que surge do desejo. Dizei-me meu senhor, o resultado do outro aspecto – sob o véu”.

¹⁴ 1) Nascidos de fetos, 2) de ovos, 3) de larvas e 4) de sementes.

¹⁵ Annamaya-Kosha, entre os pancha-koshas.

¹⁶ Os estados grosseiros, sutil e causal que formam o upadhis.

¹⁷ Libertação

49- Mestre: Avarana¹⁸ encobre a visão interior de todos os seres encarnados, com exceção do sublime Ishwara e dos jñanis Auto-realizados, na forma de “Não é” – “não resplandece”, do mesmo modo como a densa escuridão de uma noite chuvosa esconde o céu, a terra e as direções de nossa vista.

50- Exteriormente isso em conjunto impede o discernimento de Brahman que é a Perfeição, de suas modificações (como o mundo), e interiormente do Ser que é Consciência pura, de suas modificações (como as faculdades internas, isto é, o ego, a mente). É portanto essa a única causa dessa doença crônica a série sem fim de nascimento e mortes.

51- Surge então a pergunta: “Onde se apóia a superimposição se a essência está oculta completamente? E como pode haver qualquer superimposição se a essência não está oculta?” (a resposta é:) A essência é dual; geral e particular; a essência permanece contínua e inalterada. A superimposição mutável é particular.

52- No mundo o substrato comum “isto é” nunca pode ser velado; somente a identidade particular – isto é uma corda. O mesmo se dá com jiva, a ignorância¹⁹ não encobre a essência – “Eu Sou” e sim o conhecimento específico – “Eu Sou Brahman”.

53- Discípulo: “Como pode acontecer, meu Mestre, que o poder de ocultar é censurado pelos atos do poder de multiplicidade os quais surgindo como os cinco envoltórios, o jiva e o mundo ocultem a visão do Ser puro?”

Mestre: Ouça a resposta dessa pergunta.

54- Embora o poder de multiplicidade seja a causa direta do ciclo miserável de nascimentos (e mortes) é entretanto útil para aqueles que buscam a Libertação seriamente. Pode a escuridão da noite ter a mesma utilidade para as nossas atividades da luz do dia? Que mais posso dizer-lhe? Portanto, meu filho, o poder que oculta é o mais prejudicial dos dois.

55- Alguém já se libertou do ciclo de nascimentos posteriores por que o mundo esteve totalmente perdido de vista em seu sono ou na Dissolução? O poder de multiplicidade pode também produzir a Libertação, mas o véu espesso da ignorância é a única causa da atual calamidade.

56- Você pode argumentar: Se como dizem o poder de multiplicidade é uma superimposição como a aparência da prata na madrepérola e é portanto falsa, a Libertação obtida pelo auxílio desse poder falso é também igualmente falso.

(A resposta é): Um sonho terrível, embora irreal, termina ao acordar o sonhador. Do mesmo modo a Libertação é real.

57- Tal como o veneno é anulado com outro, como um prego de ferro é extraído com outra peça de ferro, como flechas são desviadas por outras, e sujeiras podem ser lavadas com outras (por exemplo, terra (diatomácea) de Fuller). Assim a ignorância que é fraca em si mesma pode ser anulada pelos métodos que são da mesma Maya; mais tarde isto também se acaba como a vara usada para virar o cadáver na cremação.

58- Através dessa Maya os jivas experimentam sete fases de desenvolvimento, como segue: ignorância²⁰, com venda²¹, multiplicidade²², conhecimento indireto²³, experiência direta²⁴, libertação da infelicidade²⁵ e suprema Bem-aventurança²⁶.

¹⁸ Isto é, o poder de ocultar.

¹⁹ O conhecimento “isto é” persiste quer vejamos a corda ou a cobra; ele é intacto, contínuo e geral, ao passo que não há o conhecimento de corda quando é visto como cobra, nem de cobra quando é visto como corda. Tal conhecimento é real quando a corda é reconhecida, e irreal quando se presume ser uma cobra.

59 e 60- Destas a ignorância é perder de vista o fato de que o ser interior não é outro e sim Brahma; estar vendado nos faz dizer “Não há Brahma. Eu não O vejo”; a multiplicidade em origem em “Eu sou um homem. Eu sou um jiva; o conhecimento indireto é conhecer a natureza do Ser pelos ensinamentos do Mestre; experiência direta é permanecer inabalável como a Existência unitária após investigação interna do Ser; libertação da infelicidade é terminar as limitações e o sentimento de executor e a Bem-aventurança Suprema é a realização final, isto é, a libertação do cativo.

61- Relatarei agora a você ma história para ilustrar isto: Dez homens atravessaram um rio e ao chegarem a outra margem cada um contou os outros nove companheiros omitindo a contagem de si mesmo. E estavam todos perplexos (pois faltava o décimo homem).

62 e 63- A ignorância é falta de compreensão correta e causa confusão. O décimo homem está faltando – não é encontrado – este pensamento é a venda. A tristeza pela perda do companheiro é vikshepa. Considerar as palavras de um transeunte simpático que diz: “o décimo homem está entre vocês” é o conhecimento indireto. Quando o bondoso homem ajuda um dos homens a contar os outros incluindo a si mesmo como o décimo, a descoberta de nós mesmo como homem perdido, forma a experiência direta. A cessação da tristeza pelo homem perdido é a libertação da infelicidade. A alegria pela indubitável averiguação, por nós mesmo, é a Suprema Bem-aventurança.

64- O discípulo implorou: “Senhor Mestre! Suplico-vos que me mostreis o Ser Real a fim de que eu possa conhecê-lo verdadeiramente como o décimo homem da anedota.”

Mestre: “Há o mahavakya: “Isso tu és”. O verbo “és” estabelece a identidade de “isso” e “tu” em sua significação. Explicarei como isso se dá. Escute-me.

65- Exatamente como o éter, embora singular é quádruplo, como expansão ampla, o éter nas nuvens, o éter no jarro e reflexo na água, assim Chit, que é singular é chamado de Brahman todo penetrante, Ishwara, o ser e o jiva.

66- No mahavakya referido, a palavra “Isso” representa o Altíssimo Ishwara, e “Tu” representa o jiva. Mas finalmente ambos significam, respectivamente Brahman, que é liberto de Maya, e o Ser interior que é liberto das limitações, estando mutuamente unificados como a manteiga e o leite fervido. Tal como o leite é desnatado e a manteiga é separada assim também você deverá realizar a Ser e ficar.

67- O meio para afastar-se dos atavios (do jiva) é matar a idéia atual de (eu sou o corpo) o qual é afinal apenas um cadáver, pois é a mera reunião dos cinco elementos. Nem pode você ser a respiração que se move através das narinas como o sopro de ar vindo dos pulmões. É apenas uma função de rajogunas.

68- Poderá o Ser, o intelecto ou a mente ser o agente e o instrumento respectivamente, estes dois envoltórios são apenas formas de sattvaguna. Não confundir a felicidade do sono profundo com o Ser, pois que é apenas uma forma de Tamaguna.

²⁰ Avidya

²¹ Avarana

²² Vikshepa

²³ Paroksha jñana

²⁴ Aparoksha jñana

²⁵ Dukha vivritti

²⁶ Sukha avapti

69- Conheça o “Tu” como o Ser ou seja Sat, Chit, Ananda, o invariável, imutável, único, eterno e toda-penetrante Testemunha e afasta-te da armadilha dos cinco envoltórios que são de natureza oposta – falsa, insensível, dolorosa etc.

70- Discípulo: “Quando eu me desassocio dos cinco envoltórios e busco além, encontro apenas um vazio e nada vejo mais que isso. Devo considerar esse vazio como experiência máxima do Ser? Dizei-me isso sinceramente, meu Mestre”.

71- A essa pergunta do discípulo o Mestre acrescentou: “Na anedota o décimo, homem de intelecto iludido, após contar somente nove homens e não ser reconhecendo como décimo, ficou estupefato. Pode tal atitude ser do décimo homem? Bondoso filho! Você é o vidente de tudo (do vazio e dos cinco envoltórios).

72- Pelo senhor sob a árvore de banian! Eu falo a verdade: você é a Testemunha imutável da ignorância grosseira, sutil e (causal), dos estados de vigília, sonho e sono, da passagem do tempo – passado, presente e futuro, que surge e desaparece incessantemente, como ondas no oceano de Bem-aventurança.

73- Não pergunte: que luz devo ver eu que sou a testemunha que tudo vê? Pode haver uma luz para iluminar a Luz auto-luminosa? O décimo homem conhece a si mesmo como tal entre os outros. Ao décimo primeiro homem nele?

74- Argumentar que é necessário outro conhecimento para tornar conhecido o conhecimento é ridículo e conduz a controvérsia sem fim. Você não é conhecido nem desconhecido. Realize a você mesmo como o conhecimento auto-brilhante.

75- Não é da natureza do açúcar ser doce e adoçar os doces? Realize a você mesmo como sendo o “Eu” que faz conhecido os objetos como “isto” e “aquilo”.²⁷ Estando ele mesmo além deles.

76- O Ser, conforme foi descrito é a significação primordial de “tu” (no mahavakya: “Isso tu és”). Brahman que jamais é preso por limitações é a significação primordial de “Isso”. Suas significações secundárias são o jiva transitório e Ishwara respectivamente, duas entidades separadas nunca podem ser idênticas.

77- As distinções entre Ishwara e o Jiva são devidas a seus nomes, suas localidades, suas limitações artificiais, seus corpos e suas capacidades. Elas se separam mais, quanto as regiões superiores e inferiores. Sua identidades são inconcebíveis quanto a essas associações.

78- Quanto às aceitações convencionais de termos parecem contraditórios, os pandits da ciência antiga apresentam a significação verdadeira empregando os métodos exegeses: associação, dissociação ou ambos em conjunto.²⁸

79- 1)A casa sobre o Ganges²⁹, 2) as pretas permaneceram e os vermelhos fugiram³⁰ e 3) “Esta é aquela Devadatta” são exemplos respectivos do que foi exposto. As aparentes contradições em várias passagens da escritura são ilimitadas pelo emprego sábio desses três métodos exegéticos (aqui somente é aplicável o último).

²⁷ Ou visível e o invisível

²⁸ Jahat lakshana, ajahat lakshana e jahadajahat lakshana.

²⁹ Que significa “a casa na praia do Ganges e não sobre as águas do Ganges.”

³⁰ Significa que as vacas pretas e os cavalos alazões fugiram.

80- No exemplo “esta é aquela Devanatta” o homem que foi visto noutra lugar e noutra ocasião é também conhecido como Devanatta, é este homem que é visto neste lugar e nesta ocasião. Embora o tempo e o lugar sejam diferentes, pequena consideração revela que o homem é o mesmo.

81- do mesmo modo as palavras “Isso” e “Tu”, excluindo as significações literais, o Princípio-Consciência é tomado como Brahman é a Testemunha, cuja identidade intacta está estabelecida por “és” e assim Brahman é o Ser e este é Brahman.

82- O éter refletido na água de um jarro e nas nuvens³¹ é circunstancial em ambos e portanto irreal, enquanto que o espaço no jarro e a ampla extensão são unificados e é o mesmo. Do mesmo modo Brahman que tudo penetra e a Testemunha no ser individual são unos e o mesmo. Você deve experimentar isso para poder permanecer fixo na realização: “Eu sou a Realidade”.

83- Ao escutar isso, o discípulo, leal as instruções do Mestre, libertou-se dos cinco envoltórios e do vazio, realizou o Ser como “Eu sou Brahman”, foi além disso e permaneceu como Ser Perfeito.

84- Sob o olhar Mestre que era a Graça encarnada, o digno discípulo mergulhou no Oceano da Bem-aventurança e imergiu no Todo indivisível, como a Consciência pura livre do corpo, dos órgãos e de tudo mais com a mente aperfeiçoada de forma que se tornou o verdadeiro Ser, desaparecido enquanto desperto.

85- Após o abençoado discípulo ter permanecido nesse estado durante longo tempo, sua mente se exteriorizou suavemente. E viu seu glorioso Mestre diante dele. Seus olhos se encheram de lágrima de alegria. Cheio de amor caiu aos pés do Mestre, levantou-se e de mãos postas falou-lhe:

86- “Senhor, Sois a Realidade que permanece como o meu Ser mais íntimo, que me dirigiu durante todas as minhas incontáveis encarnações! Glória a Vós que tomastes uma forma externa a fim de instruir-me! Não vejo como poderei retribuir vossa Graça por haver-me libertado! Glória aos vossos sagrados pés!”

87- O Mestre emitindo raios de luz sobre ele ao falar, atraiu-o para perto de si e disse amorosamente: “Permanece fixo no Ser sem que o três tipos de obstáculos empecem sua experiência, é a mais alta retribuição que você me pode conceder”.

88- “Meu Senhor! Pode tal realização que transcendeu a percepção da dualidade entre “Vós” e “Eu” e encontrou o Ser como perfeito e todo-penetrante, falhar a qualquer tempo?” o Mestre respondeu: “A verdade de que Eu sou Brahman é realizada pelas escrituras ou pela Graça do Mestre, mas isso não pode ser firme e faz frente aos obstáculos.

89- A ignorância, a incerteza e o conhecimento errado, são obstáculos resultantes de hábitos de longa data nas inúmeras encarnações passadas que causam preocupações e então escapam os frutos de realizações. Portanto, extirpe-se ouvindo a Verdade, raciocinando e meditando.³²

³¹ O éter é invisível. Mas a região em que se acham as nuvens é considerada livre à nossa visão. Portanto se diz que o éter está refletido nas nuvens.

³² Sravana, manana e nididhyasana.

90- Se o fogo for detido, pelo encantamento³³ não queima. Do mesmo modo a realização incompleta não porá fim a escravidão. Portanto dedique-se a escutar a verdade, ao raciocínio e a meditação e acabe com a ignorância, a incerteza e o conhecimento errado.

91- A ignorância oculta a Verdade de que o Ser é Brahman e revela a multiplicidade; a incerteza é a confusão resultante da falta de fé firme nas palavras do Mestre; a ilusão de que o mundo passageiro é uma realidade de que o corpo e o ser é conhecimento errado. Assim dizem os sábios.

92- Ouvir a Verdade é voltar a mente repetidamente ao ensinamento: “Isso tu és”. Raciocínio é a investigação racional da significação do texto escutado. Meditação é unificação da mente. Se você fizer isso todos os dias, você obterá a libertação seguramente.

93- O exercício deve continuar enquanto persistir o sentimento de conhecedor. Após a ausência desse sentimento nenhum esforço é necessário. Permanecendo como Consciência pura, eterna e imaculada como o éter e assim liberto em vida, viveremos como Aquele sempre e também após desencarnar.

94- Os sábios que permanecem como o éter e libertos mesmo aqui, são de quatro classes chamadas: Brahmavid (isto é, conhecedor de Brahman), vara, variah e varishta, na ordem de mérito.

95- Os Brahmavids que por constante exercício obtiveram a plena realização de Brahman continuam a desempenhar até os mais difíceis deveres³⁴ de suas castas e fases na vida, exatamente como prescrevem os shastras, em benefício de outrem, sem se desviar de seus estados supremos.

96- Se surgir uma revolta eles desaparecem imediatamente pois não podem contaminar a mente dos Brahmavids que vivem em sociedade porém desprendidos como a água numa folha de lótus. Parecem ignorantes, não exteriorizam seus conhecimentos e ficam mudos devido a intensidade da felicidade interior.

97- A prarabda, isto é, o karma que está dando fruto agora difere de acordo com as ações das pessoas nas encarnações passadas. Portanto as investigações também diferem entre os jñanas, embora, todos sejam libertos mesmo aqui. Eles podem executar tapas sagrados ou empenhar-se em comércio; ou dirigir um reino; ou vaguear errante como um mendigo.

98- Eles não pensam no passado ou futuro; não participam do que vêm sem ser solicitado; não se admirariam se o sol se tornasse a lua ou de qualquer maravilha, seu cadáver revivesse; nem distinguiriam o bom do mau, pois eles permanecem como a Testemunha inalterável de tudo.

99- Entre as três classes, o vara e o varya permanecem fixos em Samadhi. O vara preocupa-se com a manutenção do corpo; o varya é lembrado disso por outros; o varishta jamais se apercebe do corpo nem por ele nem através de outrem.

100- Embora haja características distintas nas vidas dos sábios, tão raros no mundo, contudo não há diferença absolutamente na experiência de libertação. Qual é a utilidade do samadhi tão difícil de conseguir?

³³ Sthambhana

³⁴ Varnasrama dharma

O Brahmavid que é ativo exteriormente parece sentir as vezes a tristeza das calamidades, enquanto que os outros permanecem em inalterável bem-aventurança.

101- Se os Brahmavids vivem como o ignorante, como se libertam do ciclo de nascimentos e como desaparece a ignorância?

O éter todo penetrante não é contaminado por nada; os outros quatro elementos e são pelo contato com objetos. Assim se dá com o Brahmavid e o ignorante.

102- Os Vedas imemoráveis declaram que a devoção sincera a um santo sábio não é apenas agradável a Brahman, Vishnu e Shiva em conjunto, mas também assegura as recompensas de todos os rituais védicos e finalmente a libertação dos ciclos de nascimentos.

Agora escute como a libertação em vida persiste também após desencarnar.

103- O karma reunido de muitos nascimentos é queimado no fogo da jñana, como o algodão numa conflagração.

Além disso o karma acumulado jamais pode aproximar-se do jñani. O karma trazido para a presente encarnação é exterminado ao experimentar seus frutos.

104- Como os méritos e deméritos de ações durante a experiência de prarabda cessarão de afetar o aspirante mais tarde? Os detratores terão deméritos e os devotos os méritos.

105- O corpo causal de ignorância é reduzido a cinzas no fogo da preciosa jñanas; o corpo grosseiro visível se torna cadáver no devido tempo; então o corpo sutil qual gota de água em ferro quente se dissolve no Ser que é a razão fundamental desses três corpos e permanece perfeito.

106- Tão logo o pote seja quebrado o éter de dentro se torna indistinguível do éter que tudo penetra. Assim, também quando desaparece a limitação do corpo, o jivamukta retorna ao estado de Libertação, de desencarnado natural e eterno, livre do começo, meio ou fim; interno ou externo.

107- Tal como o éter que embora tudo penetre, pareça ser aberto de novo num poço recentemente cavado, assim Brahman embora sempre presente parece como se fosse realizado de novo, pela investigação do Ser ensinada por um Mestre ou pelas escrituras. Portanto, o filho esteja em paz que nós somos sempre o mesmo Ser ilimitado!

108- O universo todo é tão irreal como a água numa miragem, como a prata na madrepérola; a cidade de Gandharvas no ar; o país dos sonhos, o azul do céu; a serpente numa corda, ou o ladrão num poste. Ó filho! Unicamente a Consciência Pura é real. Portanto não esqueça o Ser nem um momento.

SEGUNDA PARTE

DÚVIDAS SUPERADAS

1- Tal como o homem cava um buraco na terra e delicadamente finca um longo poste nele, enche-o de terra socando-a, para fixá-lo firmemente, assim também eu faço desaparecer as dúvidas, de modo que sua mente, que realizou o Ser sendo a Suprema Consciência, possa permanecer inabalável.

2- O discípulo, de mente pura e auto-realizada, agarra-se ao seu Mestre desde o tempo da errônea identificação do Ser com o corpo até o momento da libertação como um macaquinho se agarra a sua mãe.

3- Percebendo que o carinhoso discípulo permanece a seu lado como sua própria sombra, o Mestre pergunta-lhe: “Você é capaz de ficar imóvel apenas como mera testemunha? Todas as suas dúvidas desapareceram? Ou o senso de diferenciação às vezes se insinua? Diga-me sua situação.

4- Nisto o discípulo curvou-se aos pés do Mestre e disse: “Pai, ousam os fantasmas da diferenciação, que vagueiam somente nas trevas da ignorância, no caos da vida terrena, aparecer à visão interior a plena luz da sabedoria após ter surgido o Sol de vosso ensinamento, do alto de vossa Graça?”

5- Mesmo depois de se exorcizar o demônio, assim como a pessoa que esteve possuída é ainda protegida por um talismã contra o retorno do mal, assim também, embora minha ignorância tenha sido afastada pelo vosso ensinamento, ainda assim, Senhor, eu busco mais de ti para que eu possa estar firmemente fixado no Ser.

6- Vós dissestes amavelmente: “Conhece isto pelas escrituras (que o Ser é Brahman). Brahman não dual não ode ser atingido pela palavra (estudo ou discussão). Deve ser realizado no Coração. O Brahman auto-resplandecente não pode ser alcançado pela mente pobre. Essas duas dúvidas surgiram, por favor esclarecei-me.

7- Mestre: Como Brahman não é objeto dos sentidos de inferência e como Ele é sem segundo Ele está além da percepção direta, inferência ou analogia³⁵. Saiba também que sendo isento de atributos, Ele não pode ser expresso por palavras.

8- Os Vedas que declaram que brahman está além das palavras, também o definem pelo texto (Isso Tu És). Se você pergunta qual é o correto, saiba que ambos são corretos pois os Vedas jamais são falsos.

9- Uma moça diz: “Não é ele”, “Não é ele” de todos os outros e fica acanhada e silenciosa quando seu namorado é apontado. Do mesmo modo, os Vedas negam claramente o que não é Brahman, como “Não é isto”, “Não é isto”, e indicam Brahman pelo silêncio.

10- Tendo respondido a primeira parte de sua pergunta, passarei a responder a segunda. O coração governa os sentidos externos, o desempenho de suas faculdades, interna e externamente, como intelecto e mente.

³⁵ Pratyaksha, anumana e upamana.

11- Como sua face é vista refletida num espelho, assim a imagem da Consciência Pura³⁶ é vista no intelecto. Simultaneamente com isto, a mente põe-se a funcionar e isto meu bom filho, é chamado conhecimento.

12- Como o metal fundido toma as formas dos moldes nos quais é derramado, assim a mente toma as formas dos objetos, que se revelam pela luz refletida. Sem a vista e a luz a coisa nas trevas não pode ser descoberta.³⁷

13- O auxílio de uma lâmpada acesa e boa vista são necessários para descobrir um objeto na escuridão. Mas para ver o sol apenas boa visão é suficiente. Para ver o universo manifestado é necessário a mente orientada e a consciência refletida³⁸. Mas para alcançar a realidade unicamente servirá a mente ansiosa pela realização.

14- A união da mente orientada e o Ser refletido é chamado de mente. Brahman pode ser alcançado através da mente pela razão que a mente dirigida para o Ser é necessária para a realização. Brahman não pode ser alcançado pela parte da mente que é consciência refletida. Assim reconciliando o significado, liberte-se das dúvidas”.

15- Discípulos: “Respeitável Mestre de infalível sabedoria, eu compreendi vosso ensinamento até aqui. Permite que eu faça outra pergunta: Livre de movimento, ininterrupto, perfeito e transformado Naquele, não é esse o estado da mente chamado Yoga Samadhi (ou União na Paz?) como pode esta mente sempre em movimento como um balanço, fazendo surgir vários mundos num instante, ser acalmada ao ponto de poder permanecer firme no Ser, como a chama protegida da corrente de ar? Dizei-me, por favor”.

16- Mestre: “A mente ativa é constituída de três gunas, quando uma delas se sobressaem as outras duas ficam encobertas. Com a guna sattva se manifestam qualidade divinas; com rajogunas as tendências pertencentes ao mundo ao corpo e aos shastras³⁹. Com tamoguna a natureza maléfica⁴⁰ se manifesta.

17- Sattva é a verdadeira natureza da mente, enquanto que as outras duas qualidades são apenas adjuntos e podem portanto ser afastadas dela.

Se nos pegamos firmemente à nossa divindade, rajas e tamas são sufocadas tanto que as múltiplas tensões internas e externas desaparecem. Quando isso acontece sua mente resplandece pura e se torna imóvel e sutil como éter. E então, naturalmente ela se torna uma com Brahman, que já É, e permanece em Paz indiferenciada. (Nirvikalpa Samadhi).

18- Quando um espelho limpo é colocado em frente de outro similar as suas superfícies refletoras formarão um todo indistinto. Do mesmo modo, quando a mente pura se torna uma com o Infinito, Sat, Chit, Ananda, Brahman, e permanece imaculada, como pode haver multiplicidade ou movimentos na mente? Dizei-me.

19- Discípulo: Como pode o sábio, liberto em vida, exaurir sua prarabda se sua mente se perdeu em Brahman e se tornou uma com Ele? Isso não acontece somente para experimentar os resultados? Tal experiência requer a mente, pois não pode haver qualquer tipo de experiência sem a mente. Se a mente persiste como pode ter havido libertação? Estou confuso

³⁶ Chit-abhāsa.

³⁷ A luz afasta as trevas mas os objetos devem ser vistos pelo olho. Do mesmo modo a mente modelada são objetos iluminados pela luz refletida da mente.

³⁸ Vritti

³⁹ Loka vāsana, deha vāsana e shastra vāsana.

⁴⁰ Asuri sampat

neste ponto. Por favor esclarecei esta minha dúvida pois não poderei libertar-se a menos que todas as dúvidas sejam eliminadas.

20- Mestre: “A aniquilação da mente é de dois graus: isto é, as tendências da mente⁴¹ e a própria mente⁴². O primeiro se aplica aos sábios libertados em vida e o último aos sábios desencarnados. A eliminação de rajas e tamas deixando apenas sattva é a dissolução das tendências da mente. Quando sattva desaparece com o corpo sutil, dizem que a própria mente também parece.

21- Sattva é puro e forma a própria natureza da mente; quando rajas e tamas (que dão tendências à mente) são destruídas (pelo próprio exercício), a identidade do termo “mente” é perdida. Pois nesse estado, os sábios participarão daquilo que lhes vem ser solicitado; não pensam no passado ou futuro; não se exaltam na alegria ou se lamentam na tristeza; superando suas ações tornam-se não-agentes; testemunhando as tendências da mente nos seus três estados⁴³ eles podem ficar libertos ao mesmo tempo que atravessam a prarabdha. Não há contradição nisso. Não tenha dúvidas sobre esse ponto.

22- Ao ouvir dizer que todo o período de atividade é também o estado de paz, você pode dizer: “A ação não denota a mente em movimento e em tal movimento a Paz não foge? O estado do sábio é como o de uma moça que jamais cessa de estremecer de amor pelo seu eleito mesmo atendendo aos deveres de casa”.

23- Discípulos: “Se o sábio liberto em vida, que transcendeu os incidentes do corpo⁴⁴ perdeu o sentimento de autor e de toda a individualidade e se tornou uno com Brahman, pode ser dito que o experimentador da prarabdha deve ser também o agente. Pode haver experiência para um não autor perfeito? Mestre que afastais toda a aflição! Por favor elucidai este ponto”.

Mestre: “Escute sua fama como Perfeitos Executores, Perfeitos Gozadores e Perfeitos Renunciantes.

24- Como um monte de pedras magnéticas não se movem por si mesmas nem produzem movimentos nas coisas, entretanto peças de ferro são atraídas por elas, eu não ajo por mim nem influo sobre outros e ainda assim o mundo todo está ativo diante de mim. Como o Sol eu permaneço uma testemunha indiferente a todas as funções do corpo, dos sentidos etc. e também do estado de Paz resultante do mergulho da mente em Brahman. Aquele que está possuído dessa firme experiência é o Perfeito Executor.

25- O Perfeito Gozador é aquele que participa de qualquer coisa que se apresenta em seu caminho sem discriminar se é gostoso ou não, limpo ou sujo, saudável ou doentio, como uma chama que consome tudo o que está no caminho. Aquele cuja mente é clara como o cristal, que não é afetada pelas fases que passam, sejam grandes ou pequenas, boas ou más, suas próprias ou de outrem é o Perfeito Renunciante. “O sábio liberto é um exemplar exato dessas três virtudes unidas”.

26- Discípulo: “Como pode ser reconhecido que a tarefa do sábio está terminada⁴⁵, se pela prarabdha ele vive num corpo agindo o ensinamento outros desejosos de libertação? O Mestre que tão bondosamente removeu a causa de minha aflição! Por favor respondei-me”.

⁴¹ Sarupa: em sua forma

⁴² Arupa: (a mente) que não tem forma

⁴³ O de vigília, de sonho e o sono profundo.

⁴⁴ O corpo sutil e o grosseiro; casta, credo etc.

⁴⁵ kritakritya

27- Mestre: “As ocupações das pessoas são de três espécies: As pertencentes à vida, atual ou posterior, são somente para o ignorante, possuído do desejo de prazer⁴⁶, sentimento de posse⁴⁷ e apego ao corpo. Somente aqueles que anseiam pela libertação se voltam para o estudo da Verdade etc. há algo a obter pelo estudo ou outras ações similares por uma pessoa que é perfeita?”

28- Discípulos: O Suprema Jóia entre os Mestres! Escutai-me. É certo que unicamente aquele que deliberadamente afastou-se dos prazeres da vida agora e daqui por diante, pode se dedicar à verdadeira sabedoria. E tendo ele abandonado as atividades terrenas e os rituais para entrar no caminho da Libertação, pode voltar aos seus antigos costumes? Não é necessário escutar, raciocinar e meditar para que a mente se torne firme? Dizei-me a verdade!”

29- Mestre: “Escuta-me, filho prudente. Aqueles que não sabem devem aprender a Verdade (ensinada pelas escrituras e Mestres); os que têm dúvidas devem raciocinar; os que estão presos a conhecimentos errados devem praticar a meditação. Pode haver deficiência para aqueles que se tornaram o Ser real etéreo, a Perfeição-Consciência?

30- Escutai-me, Senhor! Pode o sábio dizer também, como ignorante “eu fiz, eu vi, eu comi e eu fui”? Dizeis que eles estão livres do conhecimento errado. Podem ser admitidas tais expressões na realização de Brahman que é real. Por favor, esclarecei-me neste ponto”.

31- Mestre: “A pessoa que desperta de um sonho fala de sua experiência no sonho. Do mesmo modo o sábio Auto-realizado, embora usando a linguagem do ignorante não está preso ao ego. Um homem que se entrega as chamas na véspera de se transformar em um deus imortal se diz ser apenas um homem, até que o seu corpo fique reduzido a cinzas. Assim também o sábio liberto do ego parece como os outros até desencarnar”.

32- Discípulo: “Se é assim, ó Mestre! Embora os objetos sejam irreais (a associação com eles) não causarão tristezas? Podem eles dar a felicidade de Conhecimento? Isto só pode ser sentido na ausência deles. Não é necessário estar unificando? E se a pessoa pratica-o, pode-se dizer que ela terminou a sua tarefa?”

33- Mestre: “Filho Auto-realizado! As atividades cessam quando o prarabdha termina. Não é a prática de Samadhi ou o trabalho terreno uma atividade mental? Sendo uno com o Ser transcendental pode ele fazer algo diferente Dele? Se ele estiver praticando o Samadhi não se pode dizer que ele está estabelecido no Ser.⁴⁸

34- Discípulo: “Mestre Supremo! Como é então que alguns entre os que estão estabelecidos no Ser, e nada mais tem a fazer, praticam meditações restringindo o pensamento?

35- Mestre: “Eu já lhe disse que os sábios libertados em vida parecem estar ativos de vários modos, de acordo com seus prarabdhas.

Meu bom menino, escute-me ainda. As atividades do sábio são somente para a elevação do mundo. Ele não espera perder ou ganhar algo. O Altíssimo, que é somente o armazém da Graça para o mundo, não é afetado pelo mérito ou demérito da criação etc.”.

⁴⁶ bhogeccha

⁴⁷ Mamata

⁴⁸ Dizem haver 6 tipos de Samadhi.

36- Discípulo: “Ó Mestre! Vós que sois sem forma (transcendentalmente), funcionais como Ishwara (comicamente) e apareceis em forma humana (aqui)! Falais de um jñani e Ishwara como sendo o mesmo. Como pode ser assim?

Mestre: “Sim Ishwara e o Jñani são o mesmo porque são libertos do “eu” e “meu”. O jñani é o período Ishwara, a totalidade dos jivas, e também o cosmos”.

37- Discípulo: “Senhor, se como dizeis ele é todos os jivas quando é liberto, como podem os outros permanecer presos? Se os jivas são diversos como dizem, ele não pode ser todos. Ó Mestre, que tudo conheceis! Por favor respondei esta pergunta detalhadamente”.

38 e 39- Mestre: “O Ser que resplandece como “Eu-Eu” em todos, é Perfeito e indivisível. Mas os jivas são tão diversos quanto as limitações na forma do ego (fazem-nas). Veja como a lua que delicia o mundo é apenas uma, embora suas imagens refletidas sejam tanta quantos tanques, lagos, reservatórios, correntes, cisternas e cântaros de água existirem. Onde um deles é distribuído a imagem não mais refletida, mas é reabsorvida pelo seu original, isto é, a lua. Isso não pode acontecer com as outras imagens refletidas. Do mesmo modo, o jiva cujas limitações são destruídas é restituído a sua fonte, o Ser, outros não”.

40- Discípulo: Como pode um jñani ser o mesmo que Isvara, que é Brahma, Vishnu e Shiva, Senhores da Criação, preservação e destruição do universo? Eles podem adivinhar os pensamentos de outros; conhecem o passado, o presente⁴⁹ e o futuro; e são imanentes em tudo. Ó Mestre de imensas austeridades! Eu não encontro sequer um traço dessas qualidades no jñani”.

41- Mestre: “A água num tanque e uma luz poderosa servem toda a aldeia, enquanto que um pote de água e um lampião servem somente a uma família numa casa. Ó filho, Ishwara e Jñani não diferem em sua jñana⁵⁰. Contudo, associado as limitações de Maya, eles são chamados de superior e inferior.

42- Como os reis e os sidhas⁵¹ entre os homens, os deuses, tais como Narayana, têm alguns poderes extraordinários como anima⁵² etc. em virtude de austeridades antecedentes extraordinários. Embora os homens não possuem esses poderes e portanto pareçam menos, do ponto de vista de Brahma não há a menor diferença entre eles.

43- Discípulo: Ó Mestre causador da minha libertação! Embora tenha havido muitos sábios no mundo que possuíram esses extraordinários poderes como anima (reduzir) etc. dizeis que esses poderes são do próprio Ishwara. Por favor, esclarecei-me sobre o assunto”.

Mestre: Saiba que os poderes são os frutos de suas devoções ao Glorioso Ser Altíssimo, suas austeridades⁵³ e práticas de Yoga⁵⁴.

⁴⁹ Mesmo abstrato ou oculto.

⁵⁰ A sabedoria, isto é, a realização “Eu sou Brahman.”

⁵¹ Adeptos que adquiriram o conhecimento de todo o passado e futuro, remoto ou oculto; eles adivinham os pensamentos dos outros; obtém a força de um elefante, a coragem do leão e a velocidade do vento; Voam, flutuam nas águas, penetram na terra, contemplam todos os mundos num relance e executam outros feitos estranhos.

⁵² São 8 os poderes: 1) Anima: reduzir sua forma ao mínimo; 2) Mahima: aumentar sua forma ao tamanho de gigante; 3) Laghima: levitação (exemplo, levantar-se através de um raio solar até o orbe); 4) Prakamya: possuir ilimitado alcance sobre os órgãos (como tocar a lua com a ponta dos dedos); 5) Garima: vontade irresistível (por exemplo, penetrar na terra tão facilmente como na água); 6) Isita: domínio sobre todos os seres animados e inanimados; 7) Vasita: faculdade de mudar o curso da natureza; 8) Prapti: capacidade de executar tudo que deseja.

⁵³ Por exemplo: jejuns, preces, rituais.

⁵⁴ Meditações com controle de respiração em postura especial.

44- Discípulo: Ó Shiva em forma de meu Mestre! Se esses poderes e Libertação são os frutos de tapas, então todos os sábios deveriam possuir a ambos, como os sábios antigos. Sabemos que os sábios antigos tinham esses Siddhis e também eram libertados ao mesmo tempo. Por que nem todos os jñanis possuem tais poderes?

45- Mestre: “Dos dois tipos de tapas, isto é, tapas para a realização de nossos desejos⁵⁵ e tapas⁵⁶ desapaixonados, o primeiro confere os poderes desejados e o segundo, sabedoria. Cada um pode distribuir somente seus frutos. Essa é a lei. Os sábios antigos, evidentemente, executavam ambos os tapas.

46- Os filhos sem pecado, Janaka, Mahabali, Bhagirata e outros obtiveram só a libertação. Exibiram eles alguns siddhis? (Não) Alguns sábios buscaram apenas siddhis; outros buscaram siddhis e emancipação. Esses siddhis são simplesmente para exibição e nada mais. Não produzem a libertação”.

47- Discípulo: Se a emancipação é unicamente o resultado de identidade do ser individual com o Ser Universal, como então alguns sábios que foram libertados aqui e agora, se esforçam para obter siddhis?

Mestre: “A prarabdha se consome somente após conferir seus frutos para serem experimentados (como dor ou prazer). Portanto os siddhis obtidos pelos sábios emancipados devem ser considerados como o resultado da prarabdha apenas”.

48 e 49- Discípulo: “Ó Mestre que respondeis tão amavelmente todas as minhas perguntas com textos sagrados e raciocínio a fim de que a minha mente possa permanecer inabalável, estou agora livre dos enganos da mente⁵⁷ e permaneço puro e esclarecido. Não há, certamente, prejuízo em limpar um espelho⁵⁸ um pouco mais, embora já tenha sido limpo. Ó Senhor que tendes afastado a minha aflição! Vossas palavras são como néctar e não saciam, podem as escrituras dizer algo que não seja absolutamente verdade? Bondoso Mestre, como poderei conciliar as duas declarações; o karma de qualquer pessoa esgota-se somente após dar seus frutos; e o fogo de sabedoria pura queima o karma que está esperando para dar frutos⁵⁹ mais tarde?

50- Meu filho, os jivas são ilimitados (em número, capacidade e tipos) e suas ações são também ilimitadas. Em três partes⁶⁰ os beneficentes Vedas prescrevem, de acordo com as aptidões dos aspirantes, com exames preliminares seguidos de conclusões finais⁶¹, como os frutos se seguem às flores.

51- “Não é verdade que os pecadores que devem sofrer nos infernos, podem contudo ser salvos disso por meio de piedosas esmolas, mantras, austeridades, vajña e coisas semelhantes? Aquele que tem fé na palavra dos Vedas segundo as quais o fogo da jñana queima todo o karma e espera por seus resultados, obtém a Libertação”.

52- Discípulo: “Amado Mestre que habitais sempre no tabernáculo do meu coração! Se a verdadeira sabedoria pode extirpar o karma acumulado em muitas encarnações e libertar a

⁵⁵ Sakāmya

⁵⁶ Nishkāmya

⁵⁷ Os enganos são de 5 tipos: 1)que o mundo é real; 2)que eu sou o corpo; 3)que eu sou o autor e experimentador, 4)que Eu sou separado do Altíssimo e 5)que a Consciência Pura não é o “eu” e sim Shiva.

⁵⁸ Refere-se aqui ao antigo espelho metálico.

⁵⁹ Sanchita karma

⁶⁰ Karma, upasana e jñana.

⁶¹ Siddhanta

pessoa, porque até mesmo o mais inteligente dos homens não se prevalece dessa sabedoria e cai na roda do karma e perece? Por favor explicai!

53- Mestre: Meu filho, aqueles que têm mente introvertida⁶² realizarão e eterno aquilo. Tal como o transeunte distraído que cai numa valeta mesmo com os olhos abertos, aquele que tem mente exteriorizada busca a satisfação de seus desejos e cai no mar desprezível dos renascimentos intermináveis e não pode obter a Libertação.”

54- Discípulo: “Não são as ações boas e mais executadas por Ishwara? Que podem fazer os jivas que são Suas criaturas? Por que são elas censuradas, nobre Mestre?”

Mestre: “Meu filho, escute-me! Essas palavras são ilusórias, dignas dos ignorantes do verdadeiro significados das escrituras.

55- As criações do Poderoso Senhor e as dos jiva individual são diferentes. A criação do Poderoso é cósmica e consiste de tudo que é móvel e imóvel. A criação indigna do jiva, que consiste de apegos, a paixões, desejos etc. pertencem ao ego e certamente ao Poderoso.

56- As criações do Poderosos Senhor, que funciona de três modos⁶³ podem constituir meios para a Libertação enquanto que as dos jivas são as doenças que lhes causam sucessivas reencarnações. A propensão ao nascimento não termina para ninguém, mesmo que termine a criação, mas chegará ao fim com o abandono das paixões e coisas semelhantes.

57- Quem se libertou dos renascimentos ao tempo da dissolução da criação do Senhor? (Ninguém). Apesar da persistência do tempo, espaço e corpo, as pessoas têm sido libertadas mesmo aqui, destruindo a ilusão da criação individual e obtendo conhecimento. Portanto, a escravidão e a ilusão são produzidas pelo próprio jiva e não do Senhor.

58- Há uma árvore chamada Asvatha na qual vivem dois pássaros. Um deles é cheio de desejos, come os frutos dizendo: “Este é doce – este é doce!” O outro que é muito estimado, não come. Compreende esta parábola pela qual o Sagrado Veda descreve o jiva e Ishwara⁶⁴.

59- Aqueles que por ignorância atribuem a Deus os seus males⁶⁵, que são seus próprios atos dirigem-se para o desastre, mas o sábio obterá a libertação pura e reconhece os mesmos males como seus próprios atos e não de Deus.

60- Discípulo: “Ó Mestre que sois a Bem-aventurança Encarnada! Como é que Deus que é imparcial, eleva uns e rebaixa outros?”

Mestre: “Ele é como pai que encoraja seus filhos que estão no caminho certo e se opõem aos que estão no caminho errado. Saiba que é uma verdadeira compaixão punir aos que erram e conduzi-los ao caminho reto.

⁶² Isto é, os que olham a diversidade como um fenômeno ilusório ou os que consideram Brahman como um Todo indivíduo.

⁶³ Como Criador, ou Preservador e o Destruidor.

⁶⁴ Esta parábola se encontra no “Mundakopanishad”. O corpo é comparado com uma árvore porque pode ser abatido. Suas raízes estão no alto em Brahman e seus ramos em baixo, como os ares vitais etc. sua duração não pode ser verificada exatamente e portanto é chamada Asvatha (isto é, inseguro), a sagrada figueira. Sua duração coexiste com a ajñana e portanto indeterminada. Os jivas exigem o corpo para experimentar os resultados de seus karmas. Daí ser chama kshetra (morada). Nesta moradia vivem os dois pássaros, isto é, o ego e o Ser Universal que são respectivamente, o experimentador e a Testemunha desinteressada.

⁶⁵ Isto é, kama krodha, lobha, moha, mada e matsarya (luxúria, ódio, gula, ilusão, conceito e inveja).

61- Ó filho cuja as algemas da vida terrena estão rompidas! A árvore celestial⁶⁶, o fogo e a água protegem aqueles que os buscam para a satisfação de seus desejos, conservando-os quentes e saciando suas sedes. Assim também, Ishwara é bondoso para Seus devotos e não o é com os outros. Agora pense bem e julguem de quem é a falta.

62- Agora meu filho, aqui está o ponto vital: os renascimentos terminarão para aquele que adotar com perseverança o caminho da Libertação, demonstrado por Deus nas escrituras, seguir os sábios, abandonar suas mais tendências, discernir o Real do irreal, rejeitar a ilusão nascida da ignorância e obter a Sabedoria (realizando o Ser). Somente então os renascimentos terminaram para ele. Essa é a verdade.

63- Esta Sabedoria pode ser obtida através de um longo curso de práticas e incessante investigação sobre o Ser.

Discípulo: “Em que consiste esta investigação?”

Mestre: “A investigação consiste em refletir sobre as perguntas: quem é este eu no corpo, inclusive a mente, os sentidos etc.? O que é o consciente? O que é o inconsciente? O que é suas combinações chamadas de cativo? O que é a Libertação?”

Discípulo: “O efeito acumulado de todas as ações meritórias de nascimentos anteriores nos confere jñana. Qual a necessidade de investigar o Ser?”

Mestre: “Escuta-me! As ações altruístas oferecidas a Deus auxiliam a afastar as impurezas e tornam a mente pura. A mente que é assim purificada começa a investigar sobre o Ser e obtém o Conhecimento”.

65- Discípulo: “Sagrado Mestre! Não é possível obter o conhecimento correto e afastar a ilusão pelos rituais e outros atos poderosos que conferem a devoção, ausências de paixões, felicidade no outro mundo, poderes sobrenaturais, firmeza nas austeridades, sucesso no yoga, meditação e forma divina, que nos dá o conhecimento reto que remove a ilusão? Qual a necessidade de acrescentar a investigação?”

66- Mestre: “Escuta-me filho: se você quer identificar as pessoas num baile de máscaras você começa a descobrir suas naturezas, hábitos e características que se acham ocultos. Se, ao contrário você corre, pula, dá cambalhotas, sobe em postes, dança e se agita, isso não o auxiliará a reconhecê-los.

67- Do mesmo modo a investigação unicamente pode conduzir ao Conhecimento revelado nos Vedas que somente indiretamente aponta Brahman. O Conhecimento do Ser não pode ser obtido pelo estudo dos Vedas, alimentando os Famintos, executando austeridades, repetindo mantras, conduta reta, sacrifícios, e não sei mais o que.

68- Discípulo: “Ó Mestre de Sabedoria cristalina! O metal sobre um espelho brilhante pode ser removido somente raspando-o. ou alguém já conseguiu removê-lo pelo conhecimento apenas? Do mesmo modo a sujeira da ignorância deveria ser removida pelo karma. Como pode ser retirada pelo Conhecimento que é apenas mental? Dizei-me”.

69- Mestre: “Filho! A mancha metálica sobre o espelho é material e também natural ao cristal (quartzo). É apenas sobreposta nele. É necessário apropriado sem dúvida para remover a mancha do espelho. Mas para saber que a cor preta é sobreposta no cristal é necessário apenas a mente⁶⁷.

⁶⁶ Kalpaka vriksha

⁶⁷ O Mestre compara a ignorância à cor transmitida ao cristal por um metal colocado atrás dele.

70- Aqui também é inexistência⁶⁸, inconsciência e tristeza são sobrepostas no Ser-Consciência-Felicidade pelo (jogo de) Maya. Não são nem naturais nem reais. Não há contradição entre as seqüências de karma e avidya (ignorância), embora perecíveis; ao contrário, alimenta-a. Jñana (Realização) é o fogo que queima o karmas e a ignorância.

71- O homem que esqueceu onde deixou suas coisas em casa, não pode reavê-las mesmo chorando cem anos. Mas as recuperara se ele pensar no assunto e as procurar. O Ser é realizado diretamente pelo Conhecimento que destrói e esquecimento (ignorância) a causa raiz de todos os males, mas isso não pode ser obtido por qualquer quantidade de trabalho árduo, embora se prolongue por várias yugas.

72- Discípulo: “Mestre! Por que os Vedas que diz ser Jñana o único meio de Suprema Bem-aventurança, classifica Karma no Karmakhanda, como mérito, pecado é uma mistura dos dois que faz os executores reencarnar como seres celestiais, animais (quadrúpedes, pássaros, árvores, insetos etc.) e seres humanos respectivamente, e ainda prescreve deveres especiais, para as diferentes castas e classes de homens, que conferem felicidade quando bem executados?”

73- Mestre: “Tal com uma mãe amorosa com relação à doença de seu filho que comeu terra, o seduz dizendo ser uma bala o remédio envolto no papel, as animadoras palavras dos Vedas “cumpram seus deveres de chefe de família – executem sacrifícios – tudo é bom!” significa algo diferente. Não é compreendido pelos aspirantes aos prazeres no céu.

74- É natural que os aspirantes ao prazer comam o que querem e abracem a quem pode. As escrituras ordenariam o que é natural a todos? Não sabem os homens de sobra? Nenhuma ordem é necessária como: “Corvo, seja preto! Fogo, queime; Margosa, seja amarga! Vento, seja veloz!”

75- Quando os Vedas prescrevem: “Se você deseja bebidas fermentadas e carne, beba e coma fazendo sacrifícios; se tiveres impulsos sexuais abrace sua esposa, espera-se que a pessoa desista de outros meios para satisfazer seus desejos. Os Vedas visam unicamente a renúncia total”.

Discípulo: “Nesse caso, por que há essas prescrições afinal?”

Mestre: “São preliminares⁶⁹ apenas e não finais⁷⁰.”

76- Note que os Vedas que aconselham: “Bebam o suco fermentado – coma a carne”, diz mais adiante: “Cheire-o”. Note também a ordem: “Deseje a união sexual por causa da criança”. Note ainda (a ordem) “Abandone isto também (isto é, sacrifício, casamento, riqueza e outras posses)”. Note mais que a renúncia completa não é um desdouro num sanyasi ou uma severa brahmacharya. Compreenda o quadro como um todo, abandone todo o desejo pela ação e você obterá a Beatitude”.

77- Discípulo: “Ó Mestre! Considerando que as ações simplesmente auxiliam a ignorância que faz surgir o mundo, e se o conhecimento for inimigo da ignorância que é a causa desta diversidade, como pode tal ignorância coexistir com o Conhecimento puro, como a mancha na lua, e efetuar essas criações?”

78- Mestre: “Ó filho! A consciência que é por si alto – luminosa tem dois aspectos: a consciência pura⁷¹ e a consciência modal⁷². O primeiro se manifesta como o último e não são

⁶⁸ Sunya: vazio, vácuo.

⁶⁹ Purvapaksha

⁷⁰ Sidhanta

portanto separados. Você já sabe que a Consciência pura não é inimiga da ignorância no sono profundo. A Consciência modal queima a ignorância, que repousa na Consciência pura”.

79- Discípulo: “Como pode Maya que se expande e se contrai como um fole, permanecer sem ser afetada pela Consciência pura e ser queimada pela consciência modal?”

Mestre: “Veja como o sol brilha sobre todo o mundo e o mantém, com tudo se torna fogo através de uma lente e queima. Assim, também, no samadhi a consciência modal pode queimar a ignorância”.

80- Discípulo: “As ações não incluem todos os aspectos da mente, a palavra e o corpo? Não é a consciência modal uma função da faculdade interna? Então não deveríamos dizer que a ação (um aspecto especial da mente) destrói a ignorância? Por que é marcado com o imponente título de Conhecimento? Por favor explicai-me isto”.

81- Mestre: “A Consciência modal é na verdade um aspecto da mente, mas já vimos que os filhos da mesma mãe lutam entre si. As ações pertencem ao executor, enquanto que o conhecimento nascido da investigação não pertence ao indivíduo⁷³, mas sim à Coisa em Si”⁷⁴.

82- As ordens podem ser executadas, podem não ser ou executadas de modo diferente⁷⁵, mas o Conhecimento, que é superior, não pode ser assim. A meditação (como “Eu sou Brahman”) é sem dúvida, diferente do Conhecimento obtido pela investigação. Formular uma coisa como sendo outra é yoga forçada⁷⁶. O Conhecimento direto⁷⁷ unicamente é verdadeiro. Não se engane com idéias fantasiosas.

83- O Conhecimento é o resultado de experiência direta, enquanto que a meditação é apenas imaginação mental de algo executável. Aquilo que ouvimos dos outros será varrido da memória, mas não aquilo que é experimentado. Portanto, apenas aquilo que é experimentado é real e não as coisas meditadas. Saiba que o conhecimento e não o karma é o destruidor de ignorância a vista.

84- Não tenha dúvida que a meditação irreal possa dar a libertação final e real. Escute-me! Durante a meditação a imagem meditada por sugestão, não é real, mas se ela se materializa e é vista face a face, torna-se real⁷⁸.

85- Se você perguntar como a meditação irreal conduz a Libertação real e eterna: cada um renasce de acordo com o último pensamento de sua vida anterior⁷⁹. As pessoas renascem nas formas em que meditaram. Mas deveriam meditar sobre o Ser a fim de acabar com todos os tipos de renascimentos, então nos tornaríamos o Ser. Isto é seguro e certo.

⁷¹ Svarupa jñana, consciência expansiva e estática.

⁷² Vritti jñana: consciência dirigida ou individualizada. As duas podem ser comparadas à energia latente no combustível e no fogo que o reduz a cinzas ou à corrente elétrica que permanecendo imanifestado num cabo ligado a mesma corrente que se manifesta como luz no filamento do bulbo.

⁷³ Purusha tantra

⁷⁴ Vastu tantra.

⁷⁵ Mesmo a dhyana nirguna Brahman pode ser feita como é prescrita, pode ser omitida ou pode ser feita à vontade da pessoa. Pode não ser intrínseco ao homem como a jñana é realmente.

⁷⁶ Ha vários tipos de dhyana. Numa delas Saligram pretende representar Vishnu, que tem quatro braços segurando uma concha, um disco, uma clava e um lotus. Esta dhyana é forçada mas é eficiente.

⁷⁷ Isto é, obtido por experiência.

⁷⁸ Segue-se que “Eu sou Brahman” da fase contemplativa não é real, mas a experiência resultante “Eu sou Brahman” é real.

⁷⁹ Vide Srimad Bhagavad Gita – Capítulo VIII.

86- Discípulo: “Se aqueles que meditam sobre Brahman⁸⁰ sem atributos (isto é transcendental), se tornam Aquele, O Mestre em forma humana! Qual a necessidade de investigação ou conhecimento?”

Mestre: “A meditação sobre Brahman é baseada em ouvir dizer⁸¹, contudo, no devido tempo, se tornam fato por experiência. Essa experiência é chamada de investigação eterna, conhecimento ou jñana (que destrói ignorância), ou a Libertação. Esta é a conclusão final⁸²”.

87- Discípulo: “Se a consciência modal⁸³ (após destruir a ignorância) é transferida para o Ser⁸⁴, como pode haver experiência do ser indivisível⁸⁵?”

Mestre: “Tal como o pó dá noz que limpa e carrega as impurezas na água e as leva para o fundo, assim também a consciência modal destrói a ignorância e perece com ela”.

88- Discípulo: “Bem, e qual é a natureza do Sábio que se libertou em vida?”

Mestre: “Eles estão libertos de pensamentos e portanto vivem felizes com um incontestável soberano de todo o mundo ou como uma criança. As idéias de cativo e Libertação desaparece para eles tanto que se riem dos que falam de tais assuntos. Pois não é para rir de quem diz que o mosquito engoliu éter e o vomitou?”

89- O filho da mulher estéril e o homem visto no poste⁸⁶ traziam flores apanhadas no céu, disputam sobre o preço da prata na madrepérola⁸⁷, na cidade de Gandhalvas⁸⁸ armavam-se com os chifres das lebres⁸⁹, lutavam-se e golpeavam-se, morriam juntos e tornavam-se fantasmas.

Nenhum homem de bom senso se excitará ao escutar esta história⁹⁰.

90- De vez que Maya é irreal, toda criação deve ser igualmente irreal. Pode a prole ser de espécie diferente da mãe?⁹¹ Portanto não considere o céu ou o inferno bem ou mau, mas permanece no Ser que é Sat-Chit-Ananda-Purna (Perfeição).

91- Discípulo: “Meu Senhor! Diga-me, não é blasfêmia renegar, como irreal, o Criador sentado no lótus e os outros deuses, os grandes homens do mundo, as águas sagradas como Ganges, os lugares de peregrinação as ocasiões sagradas, os quatro Vedas com seus seis auxiliares⁹², os mantras e as austeridades?”

92- Mestre: “Se fosse sacrilégio considerar como falsos os sonhos e as visões, o seria também negar o mundo⁹³ cuja existência tem origem na ilusão. Se por outro lado é correto negar o mundo que se derivou da ilusão.

⁸⁰ Nirguna Brahman

⁸¹ Paroksha

⁸² Sdhanta

⁸³ Veritti jñana

⁸⁴ Paripurna

⁸⁵ Akhanda anubhava siddhi

⁸⁶ Ao escurece um poste grosso é tomado como homem. Esse homem ilusório é que se refere aqui numa história similar no Yoga Vasísthá mencionando a imagem refletida de um homem no espelho.

⁸⁷ O nácar da madrepérola é tomado por prata. Quer dizer, a prata fantástica.

⁸⁸ Os Gandhalvas são uma classe de seres celestiais. Ao por do sol as nuvens se apresentam com coloridos alegres e brilhantes. Em disposições peculiares de tais nuvens uma fantasia pode às vezes surgir que é a alegre cidade dos felizes Gandhalvas.

⁸⁹ Não existem

⁹⁰ A história começa com dois homens inexistentes e se detém em mera fantasia. O mundo e suas atividades não são mais reais para o jñana do que esta história é para o homem comum.

⁹¹ Por exemplo, pode a égua gerar um ser humano, um elefante ou um pássaro?

⁹² Tais como chhandas, kalpa, jioticha.

⁹³ Com seu conteúdo.

93- Se os Puranas exaltam como homem de mérito os ignorantes que consideram o falso como verdadeiro, algum shastra censura o jñani por chamar verdade a própria verdade?

Maya, que aparece com seus elementos e suas modificações com vários nomes, diferentes formas, é falso. Somente o Ser que se expande como Sat-Chit-Ananda é a verdade.

94- Discípulo: Ó Mestre que sois como um tufão ao dispersar as nuvens de Maya!

a) de que natureza é Maya?

b) quem está sobre o seu domínio?

c) como veio ela a existência?

d) por que ela surgiu?

e) a Dualidade é inevitável se Maya for separada Brahman

f) se não é separada o próprio Brahman é falso (como Maya).

95- Mestre: “a) Pode ser interminável a sua natureza, Maya se diz ser inexpressível⁹⁴; b) Estão sobre o seu domínio aqueles que pensam: “Isto é meu – Eu sou o corpo – o mundo é real”; c) Ó filho, ninguém pode averiguar como essa misteriosa ilusão veio a existência; d) E o motivo por que ela surgiu é pela necessidade de Vichara (investigação perspicaz) por parte das pessoas.

96- e) e f) Um poder mágico invisível permanece desconhecido enquanto as hordas de seres ilusórios aparecem no palco. Do mesmo modo inúmeros poderes Brahman permanecem desconhecidos, mas são deduzidos somente após à manifestação dos elementos.

97- O mago que se encontra em terra firme e as hordas (conjuradas por ele) são visíveis aos expectadores. Mas seu gênio maravilhoso de mágica permanece misterioso. Assim também, as realizações da ilusão (o mundo) e o dirigente da ilusão (isto é, Brahman) são visíveis mas não ao poder da ilusão. Há muitos poderes distintos do Todo Poderoso Brahman e o mundo.

98- O poder não está separado do dirigente. O dirigente da mágica é real, mas as aparições (da magia) não o são. Sábio filho, você pode averiguar desta ilustração a verdadeira natureza da Realidade maiúscula que é o dirigente da ilusão e que ao mesmo tempo permanece Indivisível como o Ser. Assim esclareça (suas dúvidas).

99- Discípulo: “Por que dizem que existe o poder que é irreal?”

Mestre: “Filho amável! Olha como as gramas e outras ervas que parecem inconscientes florescem e frutificam. Mas para a consciência que tudo penetra os seres móveis e imóveis perderam sua natureza imemorial.

100- Veja a maravilha, como os embriões nos ovos se desenvolvem em pássaros de tantos matizes. Mas sem administração de uma força invisível todas (as leis da natureza) seriam apagadas como um reino sem rei. O fogo se tornaria água; o amargo seria doce; mesmo os degenerados recitariam os Vedas; as cadeias de montanhas imóveis flutuariam como as nuvens no ar; todos os oceanos se tornariam desertos arenosos e não haveria estabilidade em parte alguma.

101- Discípulo: Ó Mestre que sois a Realidade Transcendente! Como pode esse poder de Consciência (isto é, Maya) que não pode ser visto, conhecido ou expresso em palavras ou qualquer um e que é a causa raiz de diversos nomes e formas, se extirpado? Ou de outro

⁹⁴ Amirvachanya

modo, como se pode meditar em Brahman, que é a Realidade não-dual, a fim de se obter a Libertação?

102- Mestre: “O que acontece as bem conhecidas qualidades do ar, da água e do fogo quando detidos por amuletos ou encantamentos? Se você permanece como Sat-Chiti-Ananda livre de outros pensamentos Maya se torna extinto. nenhum outro método pode ser encontrado em toda a extensão dos Vedas.

103- O que permanece e manifesto no barro torna-se manifesto (como um pote). Para o fim prático da vida a palavra faz da terra um pote e o destrói. Rejeitar os nomes e as formas e reconhecer o barro é o verdadeiro conhecimento. Do mesmo modo, rejeita as noções fantasiadas da pluralidade dos seres e realiza o Ser como sendo Consciência pura.

104- Discípulo: “ embora falso, como pode ser anulada a aparência persistente do não-ser-consciência-tristeza na integridade do Ser-Consciência-felicidade?

Mestre: “Embora o reflexo da cabeça na água apareça inclinada e trêmula, no entanto quando a fórmula se apresenta na terra reta e firme, aquela imagem sem valor é apenas irreal.

105- O conhecimento é a causa e os objetos são os efeitos. é inútil discutir como os fantasmas de nomes e formas vieram a existência e desapareceram. Digno filho! Sem preocupar-se como esse longo sonho do mundo começou ou como será absorvido, somente permanece a percepção do Ser-Consciência que tudo envolve.

106- À medida que você se afasta dos apegos ao irreal sua visão anterior da Realidade se desenvolve. Se, por exercícios constantes nesse sentido, a mente torna-se controlável e a percebidas do Ser Consciência, você poderá permanecer como Oceano de Felicidade, embora vivendo no corpo amargurado.

107- Discípulo: “O Mestre! Não vejo a conveniência da declaração de que todos os seres são penetrados pelo Ser único e não-dual que tudo envolve como Ser-Consciência-Felicidade. A existência dos jivas esta clara porque todos dizem “eu”; a consciência também, esta clara em virtude do conhecimento que é óbvio; porque a Felicidade não se apresenta do mesmo modo?”

108- Mestre: “Filho, embora haja forma, fragrância e suavidade reunida na mesma flor cada uma delas é conhecida separadamente com um sentido apenas. De outro modo elas não são apercebidas; tal é a lei da natureza. Do mesmo modo, embora as qualidades beatíficas de Existência-Consciência-Felicidade juntas formem o Ser, ainda sim os aspectos variam constantemente e dão origem às diferenças que aparecem no mundo.

109- Meu filho, as três qualidades – Sattva, rajas, e tamas – dão origem às três maneiras – repouso, agitação e ignorância, respectivamente. Existência, Consciência e Felicidade, que são em si gloriosas, permanece sempre num todo homogêneo, ainda que pareçam diferentes.

110- A existência simples é notada somente nas plantas, nos minerais e na terra que parecem inconscientes e são ignorantes. Não pode haver felicidade no estado de perturbação causado pelas paixões, tais como a luxúria, que haja como veneno. Mas nela a Existência e Consciência são evidentes. Existência, Consciência e Felicidade se tornam manifestas no estado de “Paz” que é caracterizada por um desapego austero (das exterioridades). Portanto a Felicidade se torna clara numa mente em paz isente de ignorância e agitação.”

111- Discípulo: “Senhor que apareceu como meu Mestre no mundo! Não compreendo perfeitamente as características de Existência-Consciência-Felicidade (Sat-Chit-Ananda) o que é essa Sat? O que é Ananda?”

Mestre: “Sat (existência) é aquilo que não perece em tempo algum – passada, presente ou futuro. Chit (consciência) é aquilo que conhece todos os diferentes objetos. Ananda (felicidade) é a alegria que surge da experiência de felicidade durante o gozo de um objeto desejado.

112- Discípulo: “Ó Mestre que, como o elefante em fúria, ataca e destrói as fortalezas dos envoltórios⁹⁵, embora os mahavakyas dos 4 Vedas declaram “Tu és Sat-Chit-Ananda” ao habitante do corpo mortal os Mestres digam “Tu és Brahman”, ainda assim como podemos ter a experiência de “Eu sou Sat-Chit-Ananda”?”

113- Mestre: “Quando dizem que os renascimentos são os resultados inevitáveis de ações passadas, não se deduz que a pessoa existiu no passado? E ainda mais, se o céu e o inferno são as recompensas de ações presentes, não se deduz que ela continua a existir no futuro? O corpo sutil (adaptado ao céu ou ao inferno) o corpo celestial ou o corpo humano que são todos resultados de ilusão, muitas vezes, mudam e desaparecem. Aquele que sobrevive sempre ao corpo ilusório, é justo que se diga ser Sat.

114- Nas trevas que envolvem o sono profundo e à noite quando não há sol ou lâmpada, aquele que está claramente apercebido da escuridão e dos objetos, é Chit. É também Ananda porque seu amor beatífico Ser incomparável nunca desaparece, pois o amor se manifesta somente por um objeto de prazer.

115- O alimento, a bebida etc. agravam a todos indistintamente porque dele se extrai o prazer. O Ser não é também de beatitude. Se o Ser descrito acima fosse classificado entre outros meios de prazer, onde haveria prazer separado do gozador? Pode ser dois o Ser?

116- O amor pelo prazer sensual é evidente, mas o amor pelo Ser permanece sem rival. O amor pelo prazer sensual está sujeito a modificações enquanto que o intenso amor pelo Ser permanece imutável. Os prazeres sensuais podem ser gozados ou rejeitados, mas quem há para aceitar ou rejeitar o Ser? O Ser pode rejeitar todos os outros prazeres mas não rejeita a si mesmo.

117- É errôneo imaginar que o Ser abandona a si mesmo cometendo suicídio numa paixão ardente. Aquele que mata o corpo não pode ser o corpo abandonado por ele. O repúdio é pelo corpo e nunca pelo Ser.

118- A riqueza é muito procurada, mas o filho é mais caro do que a riqueza; nosso próprio corpo é mais caro do que um filho; os sentidos são mais caros do que o corpo; o sopro de vida é mais caro do que os sentidos e o Ser é muito mais caro do que a própria vida. Esse Ser é a essência dos outros três “Eus” – o segundo⁹⁶ (isto é, o filho), o ilusório⁹⁷ (o corpo), e o agente⁹⁸ (o ego), crescem de importância sucessivamente.

119- Na hora da morte, o segundo ser, isto é, o filho, que sucede o estado de pai, assume proeminência. Na hora da nutrição, o ser maiúsculo ilusório, isto é, o corpo, é proeminente.

⁹⁵ Annamayakosa etc.

⁹⁶ Gauna atma

⁹⁷ Nithya atma

⁹⁸ Karta

Quando uma feliz vida futura é desejada o ser agente, isto é, o ego, se torna proeminente. Mas no estado de Libertação, o Ser, isto é, a Consciência pura é soberana.

120- Até o tigre se torna favorito quando é obediente e um filho é odiado quando ele nos contraria. Neste mundo, as coisas, tais como a palha que não é amada nem odiada é tratada com diferença. Mas em nenhuma circunstância o amor do Ser puro diminui em qualquer pessoa. Portanto, meu filho, investigue sua verdadeira natureza que é a Felicidade inalterável e realiza o Ser!

121- Discípulo: “Adorado Mestre! Quantos tipos de Ananda (felicidade) há?”

Mestre: Há três:

1) Brahmananda (que brilha como Consciência pura, por exemplo, no sono);

2) Vasanananda (que esta presente reminiscência);e

3) Vishayananda (que é a alegria de ganhar o objeto desejado).

Contudo outros que há oito tipos de Ananda. Os três mencionados acima abrigam os outros cinco. Eu lhe direi, no entanto, todas. Escute-me.

122- 1) Vishaya Sukha:⁹⁹ o prazer do gozo sensual;

2) Brahman Sukha: a felicidade do sono sem sonhos;

3) Vasana Sukha: a lembrança acima, minutos após acordar;

4) Atma Sukha: a felicidade que se segue ao determinar que o ser é mais caro do que todas as coisas caras;

5) Mukhya Sukha: a felicidade do Samadhi, quando é levantado completamente o véu da ignorância;

6) Nija Sukha: o contentamento resultante da indiferença;

7) Advitya Sukha: a felicidade de se apoiar no Ser com exclusão de dualidade;

8) Vidya Sukha: a felicidade resultante da investigação sobre o Ser de acordo com os textos da escritura.

123- Meu filho! Escute-me ao descrever suas características especiais. O homem esta sempre se esforçando no estado da vigília, busca descansar na cama, após completa exaustão. Então sua mente se interioriza e, nesse estado, reflete a imagem da Felicidade da consciência que brilha por si mesma. O prazer que ele então experimenta, representa o prazer objetivo¹⁰⁰.

124- A pessoa que, considerando de pouco valor os prazeres objetivos, pois envolvem a tríade¹⁰¹ aflitiva, mantém a mente em repouso e cai no sono como a águia quando se aninha, torna-se una com Existência transcendente sem limites e permanece como o Ser bem-aventurado. Esse estado Supremo de Felicidade é o incomparável Brahmananda(v.V.122)

125- A declaração das escrituras é que a Felicidade do sono profundo é Brahmananda. O fato de algumas pessoas tornarem especial cuidado ao se prover de camas macias para dormir, é a prova disso. A experiência que confirma isso é que nesse estado todo o sentimento de correto ou errado, de homem ou mulher, de interno ou externo desaparece totalmente. Assim é Brahmananda, seguramente.

126- Discípulo: “Ó Mestre, adorado até pelos deuses! Vós que sois de conhecimento perfeito podeis esclarecer-me sobre esta dúvida. Neste mundo de causa e efeito a nossa

⁹⁹ – Deleitos objetivos, descritos no vers.123; – 2) – Deleitos em Braham, vers.124-127; 3)- Deleite reminiscência, vers.128; – 4) – Deleites no ser, ver.129;- 7) Deleite não dualista, vers.114-121 e 167; – 8) Deleite de conhecimento, no fim. Sukha é Ananda.

¹⁰⁰ Ananda que ja foi dito ser a caractéristica de sattva guna, que é o estado de repouso. Portanto, qualquer sombra de ananda deve ser considerada da emtne que está livre de agitação do prazer sensual.

¹⁰¹ O gozador, o gozo e o objeto gozado.

experiência não pode ser sentida por outros. No sono profundo, o envoltório intelectual é a camada e o envoltório de beatitude tem a experiência de felicidade. É correto que essa experiência seja lembrada pelo envoltório intelectual que a expressa?

127- Mestre: “Saiba que esses dois envoltórios (se relacionam entre si) como a gordura líquida e a solidificada. Eles diferem em seus pensamentos (limitações), mas não em seus conhecimentos (intrínsecos). O envoltório intelectual limitado pela mente e ativo no estado de vigília e o de bem-aventurança constituído da felicidade da Consciência pura, que se manifesta quando a mente desaparece no sono profundo, não são diferentes entre si, tal como a água da chuva e a do reservatório; ou como o açúcar e o xarope”.

128- Discípulo: “Nesse caso por que deveríamos deixar a Bem-aventurança não dual de Brahmananda e afastar dela?”

Mestre: “Ele é retirado pela força de seu Karma do passado. O homem que desperta do sono profundo não perde imediatamente a felicidade do sono, pois ele não se movimenta repentinamente nem esquece a Felicidade da Bem-aventurança (videv 122(6)).

129- No instante em que a idéia “eu sou o corpo” começa, ele se perde nas preocupações do mundo e esquece a felicidade. Seu Karma passado o obriga a sentir dor ou prazer. A paz resulta em equilíbrio. Todos já experimentaram o estado sem pensamento e o prazer dele resultante. Isto é Nyananda v. V. 122(6).

130- E é esse a Bem-aventurança do Samadhi? (não). A umidade externa do pote não é a água nele contida. Essa felicidade (de indiferença) do Samadhi ióguico lançada sobre o ego que surge. Quando o ego é denominado e o Samadhi é o resultado, há o estado de repouso no qual a mente não se apercebe do ambiente, nem adormece e o corpo fica teso como um poste.

131- Das felicidades gozadas pelo único soberano do mundo, o Gandharvas terreno¹⁰² e o Gandharvas celestial, pelos pitirs¹⁰³ brilhantes, e os deuses que existem desde a criação e posteriormente pelos deuses e chefes celestiais Indra¹⁰⁴ Brihaspati¹⁰⁵ Prajapati¹⁰⁶ (ou Virt) ou Hiranyagarbha ou Brahman¹⁰⁷ cada um é cem vezes maior que as precedentes. Contudo, todas são fragmentárias é como a espuma nas águas do dilúvio de Brahmananda.

132- Seja quem for que permaneça no estado de turiyatita (¹⁰⁸ o sétimo ¹⁰⁹) (e o mais elevado) plano, a experiência da Bem-aventurança consciente é a mesma, seja a de Narada, Suka, Shiva, Vishnu, Brahma e outros semelhantes, livre de dualidade ou sono. Possa a poeira dos seus pés sagrados assentar na minha (humilde) cabeça!

133- Até aqui eu falei de cinco tipos de ananda; posteriormente descreverei a Bem-aventurança do conhecimento (v. V. 122(8); eu já descrevi a Bem-aventurança do Ser (¹¹⁰)

¹⁰² Uma classe de seres celestiais que gostam de música, dança, etc...

¹⁰³ Os antepassados dos deuses pois foram criados antes destes.

¹⁰⁴ O rei celestial.

¹⁰⁵ O preceptor de Indra.

¹⁰⁶ O criador do mundo grosseiro.

¹⁰⁷ A raiz da criação

¹⁰⁸ Literalmente além do 4º estado. Os estados de Vigília, sonho e sono são três que têm a base no Ser, assim o 4º estado é assim chamado em relação aos 3 primeiros. Mas quando o Ser é realizado como a única realidade que compreende tudo não há dualidade ou relacionamento. É portanto absoluto.

¹⁰⁹ Os planos espirituais são: 1) Subheccha – 2) vichara; 3) Tanumanasi – 4) Satyapatti – 5) Asamsakti – 6) Padarthabhavani – e 7) Turiyaga (o estado transcendental além de qualquer descrição).

¹¹⁰ Atmananda.

como sendo a mais preciosa de todas, é a bem-aventurança do Ser se dualidade ⁽¹¹¹⁾ ao explicar Maya e Sat-Chit-Ananda. Ó Filho liberto dos pares de opostos! Diga-me, ainda há mais dúvidas?

134- Discípulo: “Ó Mestre que criastes e preservas o Senhor Subrahmanya, eu e todo o cosmos, escuta-me!

Se cada um destes termos Sat, Chit e Ananda ⁽¹¹²⁾ de que falastes, tem características próprias, como pode a mente, que já é instável, ser fixa (na Unidade)? Não compreende como diferentes palavras possam ter a mesma significação. Imploro-lhe, por favor, que me mostre como é tudo, um todo indivisível embora colhido (de diferente flores) pelas abelhas”.

135- Mestre: “É tríplice a água por ser fria, fluída e transparente? Ou é o fogo tríplice por ser vermelho, quente e luminoso?

Os Vedas analisaram e desprezaram o cosmos, começando pelo éter, como sendo irreal, insensível e mal dotado. Em contraposição a isso e para uma fácil compreensão, descreveram Brahman como Sat-Chit-Ananda ⁽¹¹²⁾ que é Único.

136- Os Vedas descrevem Brahman em termos afirmativos como segue: o Eterno, o Todo o Único, a Verdade Suprema, Brahman, o Supremo, o Depositário ou a Fonte, a Paz, a Verdade Eterna, o Absoluto (continuum da Fonte, estado de sonho e sono, e portanto) o Quarto, Contínuo ou Igual em tudo, a Visão, a testemunha de Tudo, o Conhecimento, o Imaculado, (Aquilo que é) indicado indiretamente (pelos Vedas), o Eterno, o Morador Interno, a Realidade, a Eterna Luz, o Ser, a Libertação, o Senhor, o Sutil, e assim por diante.

137- Em termos negativos como: Imóvel, Incorrupto, Imortal, Incomensurável, Imaculado (Aquilo é) além da palavra, não insensível, o Incontaminado, o Incomparável, o Ininterrupto Indivisível, o Não Nascido, o Infinito, o Indivisível sem membros, o Sem Começo, o Sem Corpo, o Imutável, o Não-dual, e assim por diante.

138- Quando essas qualidades, afirmativas ou não, são consideradas conjuntamente de modo correto, apontam o Único somente e não há outro. Muitas podem ser as palavras para significar o mesmo. Assim Brahman indicado por Sat Chit Ananda é o Único somente. Realiza essa unidade e permaneça como um indivisível Todo.

139- Não diga: “Descreve Brahman pelas qualidades é como falar de uma mãe estéril”. Pode haver alguém tão talentoso que compreenda a natureza de Brahman sem que lhe seja dito?

O que os Vedas têm revelado sobre a graça de obter em vida não são qualidades de Brahman e sim o próprio Brahman.¹¹³

140- Discípulo: “Ó Senhor como milhões de sois, nascendo simultaneamente, chegastes como meu Mestre para dissipar as trevas de minha ignorância” Escutai-me outra vez”.

De acordo com a declaração do srutis, entendi agora, fora de dúvidas, que meu Ser é a Realidade indivisível. Se prosseguires afirmando isso com argumentos, a verdade se fixará na minha mente como um prego cravado numa árvore.

141- Mestre: “A Existência deve ser a própria Consciência. Fosse a Consciência Diferente da Existência, esta não existiria. Como poderia então o Ser ser revelado? Por outro

¹¹¹ Advityananda.

¹¹² Ser-Consciência-Felicidade.

¹¹³ A verdade é determinada por três tipos de provas, shruti, yukti e anubhava. Shruti é tratado nos versículos de 130 a 139, Yukti nos 140 a 143 e anubhava no versículo 144.

lado, a Consciência deve ser o próprio Ser. Pois se ele fosse diferente da Consciência, seria insensível. O que é insensível não pode existir por si mesmo. Assim a Existência e a Consciência sendo idênticas é também a Felicidade. Este é o melhor argumento (lit. linha de raciocínio produtivo). Por outro lado a felicidade será inexistente e insensível e não poderia haver experiência de felicidade (o que é absurdo).

142¹¹⁴ – Como se revela o eterno Sat? Por si mesmo ou por outro?

Resposta: Por outro.

Pergunta: É esse outro existente ou inexistente?

Resposta: Inexistente.

Pergunta: Tolo! Pode o filho de mulher estéril realizar alguma coisa?¹¹⁵

Resposta: Então deixa o ser algo que existe mas diferente do original Sat.

Pergunta: Como é revelada a sua existência? Você deve¹¹⁶ dizer: “por outro”. Haverá um fim para essa cadeia de coisas existentes e seus conhecedores? Sua resposta é portanto insustentável, assim abandone esse raciocínio falso.

143- Escute a experiência segundo à escritura e à razão. Desde que a felicidade do sono profundo persiste como a memória, essa própria felicidade, deve ser o conhecimento. Não havia nada além dela. Existindo na dissolução e no sono profundo, você testemunha a obscuridade da ignorância. Agora você entrando no Coração permaneça como o Ser Todo-perfeito!

144- De acordo com os ensinamentos do Mestre que realizou em si a própria existência de várias escrituras, este discípulo também realizou essa Existência, Consciência e Felicidade, que nada mais são que a mesma Realidade que é homogênea como o mel apanhado em diversas fontes, e estava há muito estabelecida no Samadhi. Quando ele abriu os olhos compreendeu que ele próprio era a tela na qual se mova as figuras caleidoscópicas compostas de objetos moveis e imóveis do universo.

145- Discípulo: “Ó digno Mestre que está no meu próprio coração! Há algo mais por fazer além de ter essa experiência única? Pensar e falar nela e permanecer envolvido por essa experiência parece ser o único dever dos sábios. Esclarecei-me por favor como o turiyatita (vers. 132) mencionado acima, ou o sétimo plano de conhecimento é o mais elevado?”

146- Mestre: Após análises os antepassados dizem que há sete etapas de ignorância¹¹⁷ e sete graus de conhecimento¹¹⁸. Sobre eles desejaria mencionar primeiramente os sete estados de ignorância. Os antepassados deram-lhe os seguintes nomes:

- 1) Bij-jagrat: o estado inicial de despertar;
- 2) Jagrat: o estado de estar acordado;
- 3) Maha jagrat: o estado de estar acordado firmemente estabelecido;
- 4) Jagrat svapna: o estado de devanear fazendo castelos no ar;
- 5) svapna: o estado de sonhar.
- 6) svapna-jagrat: reflexão sobre o sonho após despertar, e
- 7) Sushupti: sono sem sonhos.

147 e 148- 1) O estado inicial de despertar (Bij-jagrat) é a consciência pura que surge do estado unitário da existência;

¹¹⁴ O Mestre formula as perguntas e ele mesmo as responde.

¹¹⁵ É tão absurdo como a declaração “Sou filho de uma mulher estéril”.

¹¹⁶ De acordo com sua resposta anterior.

¹¹⁷ Ajñana saptabhumi

¹¹⁸ Jñana saptabhumi

- 2) O estado de estar acordado (Jagrat) contém a semente do ego que estava ausente no estado anterior;
 - 3) A semente do eu e meu que surgem em cada nascimento é o estado de despertar firmemente estabelecida (Maha-jagrat)¹¹⁹;
 - 4) O alvoroçado ego invocando visões é o estado de devaneio (Jagrat-svapna);
 - 5) Ter visões desordenadas ao dormir após uma refeição completa é o estado de sonho (Svapna);
 - 6) Ficar pensando nos sonhos ao despertar deles é o sonho acordado (Svapna-jagrat);
 - 7) A densa escuridão da ignorância é o estado de sono profundo (Sushupti).
- Esses são os setes estados de ignorância. Agora descreverei os sete estados de conhecimento que confere a libertação.

149- Os nossos antepassados assim os dividiram:

- 1) Subheccha: aspirar pela Verdade;
- 2) Vicharana: investigar a Verdade;
- 3) Tanumanasi: mente pura e atenuada;
- 4) Satvapatti: a Realização da Verdade;
- 5) Asamsakti: visão descondicionada do universo e suas coisas;
- 6) Padarthabhavani: puro apercebimento do Ser;
- 7) Turiya: o estado mais elevado e indiscreto.

150 e 151- 1) Apartar-se de más associações e aspirar o conhecimento do Supremo e é o primeiro plano chamado de Subheccha.

2) Associar-se aos sábios iluminados, aprender com eles e refletir sobre a Verdade é chamado de investigação (Vicharana).

3) Estar liberto de desejos pela meditação sobre a Verdade com fé, é a atenuação da mente (Tanumanasi).

4) O esplendor do mais alto conhecimento da mente devido ao desenvolvimento das condições precedentes, é a Realização (Satvapatti).

5) Estar liberto da ilusão pela firme realização da Verdade é a visão não condicionada do universos (Asamsakti).

6) A bem-aventurança do Ser não-dual livre da triade¹²⁰ é o puro apercebimento do Ser (Padarthabhavani).

7) O silêncio sublime da verdadeira natureza do Ser é Turiya.

Escute porque este sétimo plano (vers. 149) foi dito ser o turiyatita (isto é, além do turiya).

152- Os primeiros seis planos são chamados de jagrat (isto é, o estado de vigília) porque o mundo é percebido (neles como era antes).

O quarto estado corresponde ao do sonho (pois o mundo é reconhecido como sendo semelhante ao sonho).

Mesmo a mais leve percepção do mundo gradualmente desaparece e portanto o quinto plano é chamado de estado de sono.

A Bem-aventurança transcendental prevalece no sexto plano, que é então chamado de turiya (isto é o quarto estado no rol dos precedentes de vigília, sonho e sono).

O plano que está além de qualquer imaginação é o sétimo, que os Vedas apontam como o Silêncio sublime (isto é turiyatita).

153- Alguns sábios consideram que o nome de turiya¹²¹ está em desacordo com as explicações precedentes de turiyatita que eles consideram ser como a gloriosa Libertação após

¹¹⁹ Constante porque se propaga quantas vezes quantas surgir.

¹²⁰ Isto é, o sujeito, o objeto e seus laços ou seja, o conhecedor, o conhecido e o conhecimento.

a desencarnação¹²². Em tal esquema o sexto plano é o estado do verdadeiro sono profundo, comparado com o sono sem sonhos dos quinto plano. Devo dizer ainda a você das peculiaridades desses planos gloriosos.

154- Aqueles que ainda permanecem nos primeiros três planos são praticantes e não emancipados.

Brahmavides são aqueles que já entraram no quarto plano; eles são puros e libertos.

Os que nos próximos três planos estão, são Vara, varya e Varychta, respectivamente, isto é, o eminente, o mais eminente e o mais elevado ainda entre os conhecedores de Brahman. Devo ainda dizer a você a excelência dos planos iluminados.

155- Aqueles que permaneceram nos três primeiros planos e morreram antes de alcançarem o quarto, vão para as regiões felizes; então reencarnam e gradualmente obtém a Libertação. Eles certamente não vão aos planos inferiores.

Ó filho! O próprio primeiro plano é difícil de obter. Isto ganho a Libertação a bem dizer está ganha.

156- Se o primeiro ou o segundo plano de iluminação for ganho neste mundo, mesmo os mlecchas¹²³ praticamente estão emancipados. Pelos sagrados pés de meu Mestre, isto é verdadeiro! Malditos sejam os que negam isso: Não duvide dos Vedas, comum a todos. Segue estritamente o caminho indicado, claramente perceba: “Eu sou Brahman!”

157- Discípulo: Ó Senhor que me tomou como arroz sem casca; propenso a brotar outra vez! Acabais de me dizer que os planos de conhecimento conduzem, mesmo desprezível mlecchas à Libertação final. Mas alguns dizem que a Libertação não pode ser obtida a menos que a pessoa renuncie a todos os laços de família e se retire como um sanyasin¹²⁴. Por favor esclareça minha confusão sobre esse ponto.

158- Mestre: Ó filho digno de respeito dos justos! Sua dúvida é justificada, escuta meu esclarecimento. A renúncia que rompo os laços familiares são de quatro classes. 1) Kutichaka, 2) Bahudaka, 3) Hamsa, 4) Paramahamsa e todos são uma panacéia para as misérias do mundo. Mas o desapego e não os vestuários (roupas amarelas) é o único requisito para tal renúncia.

159- O desapego se divide em três graus podendo ser lento, intenso e muito intenso. O que é causado por choque é impulsivo e lento. O abandono da casa e riqueza é a forma intensa. Repugnância pela Brahmaloka como sendo ilusória é o muito intenso.

160 e 161- Desapego lento não qualifica ninguém para o sanyas. O desapego intenso torna a pessoa qualificada para as duas primeiras ordens de sanyas. Se for forte e conveniente ela pode andar vagando como o bahudaka; de outro modo ela pode ficar (num lugar) como o kutichaka.

Quando o desapego é muito intenso a pessoa pode tomar a ordem de hamsa ou paramahamsa. Dizem que o hamsa não pode obter a libertação final a não ser através de satyaloka¹²⁵, enquanto que o paramahamsa pode obtê-la aqui e agora.

A ordem paramahamsa, que é tão eficiente, divide-se ainda em dois graus.

¹²¹ O quarto

¹²² Videha mukti

¹²³ Os mlecchas são os que reprovam os Vedas

¹²⁴ Aqui está a dedução: sanyas é o quarto estado de vida para ou Brahmani. Ele começa como Brahmachari e aprende os Vedas; então casa-se e torna-se grihasta; retira-se como vanaprastha, e por fim renuncia a tudo e torna-se sanyasin. Alguns dizem que os kshatryas são também qualificados para o sanyas a exemplo de Raghu. Outros dizem que os vaisyas também podem tomar o sanyas mas não os sudras etc.

¹²⁵ Isto é, o brahmaloka para onde ela vai após a morte.

162- Um paramahansa pode ser o que deseja conhecer a Verdade ou é um ser realizado. O primeiro é praticante inteligente nos três primeiros planos. O último é um sábio puro e notável que está liberto aqui e agora.

163- Destes um abandonará os laços de família (de acordo com o ritual) e formalmente entra para a ordem de sanyas e obtém o Conhecimento Supremo.

O outro gênero permanece como brahmins, kshatrias, vaisyas e sudras, e ganha o Supremo Conhecimento.

Conhecendo isso pelos shastras e sendo praticante, por que ainda você está confuso? Você deve esclarecer-se a si mesmo pela autoridade dos srutis, pelo seu próprio raciocínio e experiência imediata.

164- Se o nascimento for um fato então a morte é inevitável. Mas Eu Sou Brahman que nunca nasceu. Se Eu for aquele que é nascido esse “Eu” não pode certamente ser Brahman. Portanto eu sou aquele Eu, Brahman que é sem nascimento e sem morte.

165 e 166- Pergunta: “Se Eu sou Brahman, como pode acontecer que eu não conheço esse “Eu”?”

Resposta: Quem diz “Eu” agora?

Pergunta: “O intelecto”

Resposta: O intelecto se perde num desmaio. Aquela consciência perfeita que é o “Eu” jamais se perde e permanece sempre.

Pergunta: “Esse estado de perfeição não está claro para mim. Como poderei experimentá-lo?”

Resposta: “Há a experiência de felicidade no sono profundo, isto é Aquilo. Nenhuma felicidade pode ser experimentada, quando se sente alguma necessidade. Portanto o Ser deve ser essa perfeição. Isto é a fonte de tudo.”

167- O cosmos origina-se na imaginação da mente. A razão mostra que esses mundos tem sua existência naquela Consciência. Se a investigação prossegue no ser como transcendente a tudo isto estendem-se sem limites, Eu permaneço como a Existência, como único Ser perfeito.

168- Discípulo: “Como eu permaneceria de modo que possa experimentar o que descrevestes como Bem-aventurança?”

Mestre: Se você abandona este estado mental que faz surgir o estado de vigília, sonho e sono, você permanecerá em seu verdadeiro Ser e também experimentará Bem-aventurança.

169- Se você pergunta como controlar as atividades da mente, que surgem de suas latências: Domine o intelecto e os sentidos de modo que se tornem seus escravos e eles se extinguirão.

170- Também pelo controle suave da respiração (que sopra como um fole) cessam as atividades da mente. Se você não está inclinado a praticar esta yoga, elas cessarão se você arrancar a grande ignorância do corpo causal. Então, também a mente para com suas atividades.

171- Discípulo: “Como poderei arrancar a ignorância do corpo causal?”

Mestre: “Os srutis nunca nos conduzem mal. Como pode haver ignorância se você fixar firmemente o seu ensinamento na mente: “Eu sou o Ser todo-perfeito no qual os mundos aparecem?”

172- Discípulo: “Como posso permanecer assim quando estou ocupado em transações mundanas com a mente vagueando?”

Mestre: “Não há nada separado de Mim. Tudo o que é visto vem de Mim. Eu Sou o Eu consciente que vê tudo isso tão fictício como meu sonho.

173- Se você permanece sempre apercebido de que “Eu sou a Consciência perfeita”, que importa quantas coisas você pense ou o que você faça? Tudo isso é irreal como as visões do sonho após o despertar. Eu Sou Toda-Felicidade!

174 a 177- Discípulo: “Em minhas incontáveis encarnações passadas eu confundi o corpo com o Ser. Alto ou baixo, vendo tudo como uma miragem, pela Graça do meu Mestre, eu realizei o Ser como o “Eu” e fui liberto. Que trabalho meritório fiz eu? Não posso descrever minha boa sorte. Estou abençoado pela Graça do meu Mestre, Narayana de Nannilam! No meu êxtase atiro a roupa para o ar e danço de alegria!

Quão nobres foram meus pais que me deram o nome de Tandava (dançarino). É como se eles tivessem previsto que eu seria dominado pela alegria de ter realizado o Ser e por isso dançasse em êxtase!

Diante de quem extravasar esta minha felicidade estática! Ela surge de dentro, cresce e enche todo o universo e inunda a tudo.

Eu me inclino diante dos pés de lótus do Todo Poderoso que foi tão benevolente que me pos em contato com o Mestre, que pôde ensinar-me a Verdade, de acordo com os textos sagrados.

178 e 179- Tal é Vidyananda. Aqueles que estudam esta obra com devoção, realizarão o alto estado de Repouso e serão libertos aqui e agora. A fim de que todos possam compreender claramente Vidyananda, o verdadeiro espírito dos livros Sagrados, em Nannilam o Mestre Narayana apareceu em seu Samadhi e ordenou-me a escreve este Kaivalya Navanitas, perfeito em todos os detalhes e livre de defeitos.

180- Através da Graça de seu Senhor, Tandavesa mostrou como, libertando-nos do interior e exterior poderemos converter-nos no ÚNICO; e tendo ficado convicto de que o sentido dos Vedas, que estão além do pensamento é o “Eu”, e que o corpo e seus semelhantes são apenas modos do Som (Nāda) e tornamo-nos todos num olho que tudo vê dentro de si mesmo.

181- Aqueles que sem vacilação reconhecem a Única Testemunha de brilho chamejante – Turyatita, que é perfeita no significado daquelas três palavras excelentes: “Tu és Aquilo” desatará o nó de “Diferenças” e superará todo o obstáculo, convertendo-se no Ser.

182- Isso é a “delícia do conhecimento” falada pelos Vedas. Aqueles que adoram aos pés de Narayana, que descreveu isso, são sem mácula; aqueles que através do instrutor deste discípulo se aproxima da fase na qual as dúvidas se dissiparam e que caminham firmemente para a perfeição, obterão a Emancipação pura.

183- O autor, através das duas partes desta obra, acendeu a sublime luz do espírito, ao máximo, para que a eterna escuridão de Maya pereça e esclarecendo todo as dúvidas que surgem do conhecimento intelectual, efetuado pelas diferenças, submeteu o discípulo a si mesmo.

184- Louvores, louvores ao autor de minha salvação! Ele colocou sobre a sua cabeça os pés de Narayana, o Senhor Infinito, que fez de mim seu escravo e que pelo processo de

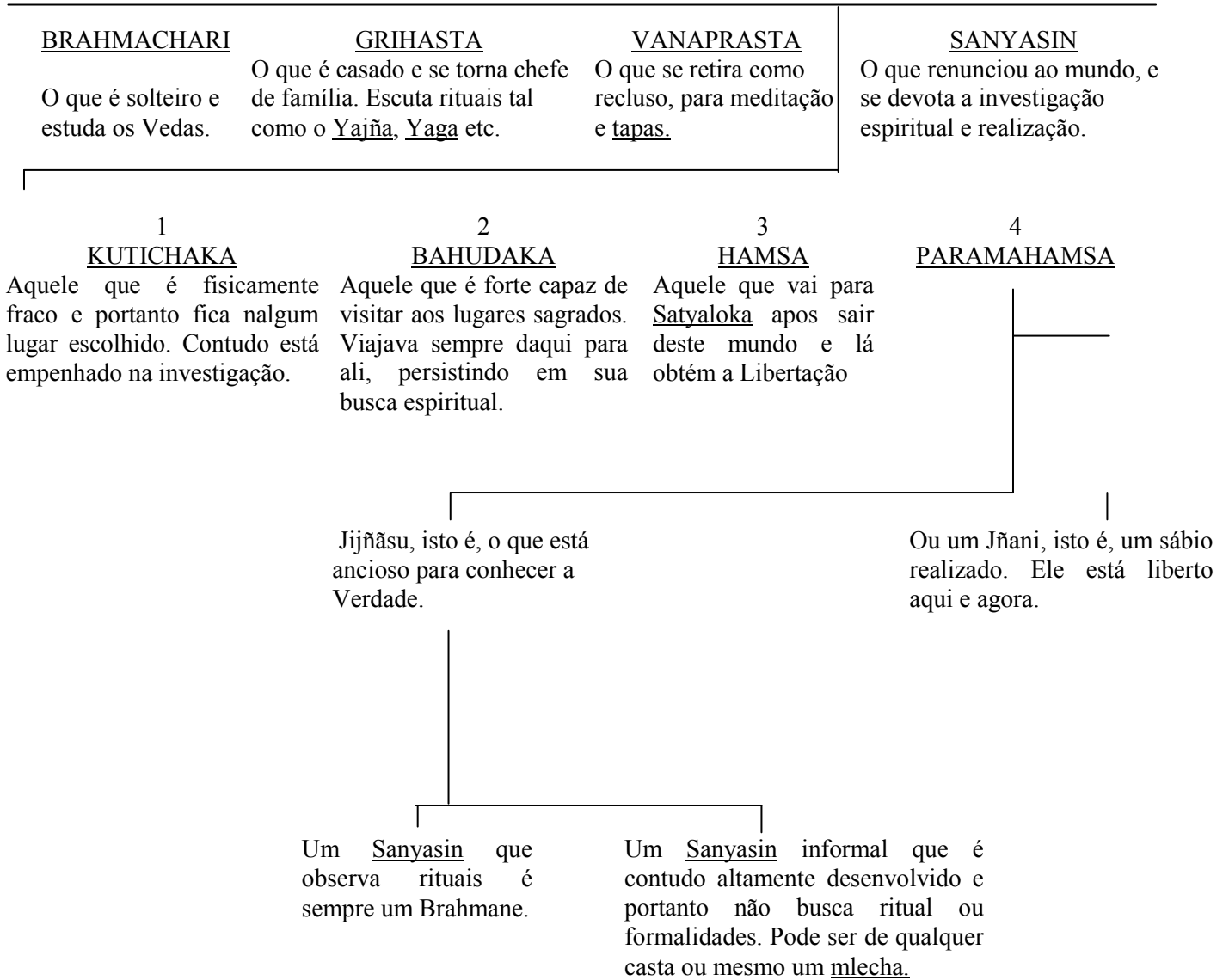
negação destruiu aquilo que por imposição tinha surgido como mera aparência fantasiosa e colocou-me em tal condição que eu, com os olhos da Graça, posso permanecer para sempre, como o expectador.

185- Tal como a água fria e refrescante dos sagrados pés do Mestre, borrifada sobre a minha cabeça, confere todos os méritos obtidos em todos os lugares santos de peregrinação, assim também os estudantes desta obra única, adquirem os méritos de todos os livros sagrado e vivem como sábios neste mundo.

APÊNDICE 1

Nº	Planos de iluminação	Esquema I	Observações	Esquema II
I II III	<u>Subhecchã</u> <u>Vicharanã</u> <u>Tanu-Mânasi</u>	<u>Jagrat</u> (o estado de vigília) entre as <u>Jñana-Bhumika</u>	Porque o mundo é percebido nelas como o foi antes.	
IV	<u>Sarvapatti</u>	<u>Svapna</u> (sonho)	Porque a Realidade fundamental do mundo é realizada e o próprio mundo aparece como um fantasma.	
V	<u>Asamsakti</u>	<u>Sushupti</u> (sono)	As trevas da ignorância desaparecem totalmente o que ocorre ao sono nos planos de iluminação.	
VI	<u>Padarthã bhavani</u>	Denso <u>Sushupti</u>	Não há lugar para o conhecedor, o conhecido e o conhecimento. A pessoa não pode despertar desse estado a não ser que influência externa a puxe fortemente.	<u>Turya</u> . Porque é o 4º estado em relação ao terceiro antecedente.
VII	<u>Turiya</u>	O Silêncio Sublime	Existência somente como o Ser, seja manifestado ou imanifestado.	<u>Turiyatita</u> . O que está além de <u>Turiya</u> .
VIII	<u>Turiyatita</u>	<u>Videha Mukti</u>	O estado de Libertação após desencarnar.	Não foi considerado porque não há nada para dizer.

APÊNDICE II



1 e 2- Essas duas ordens são para pessoas desapegadas dos laços de família. Seu desapego é de qualidade mediana.

3 e 4- Estas duas ordens de sanyas são somente para aqueles cujo desapego é do tipo mais nobre, isto é, inveterado e verdadeiro. Eles não consideram outra coisa a não ser a Verdade.